

# Lobos na literatura ocidental

LISA  
JESSE

*Wolves in Western Literature* (2000)

Tradução voluntária coletiva

Edição bilíngue: PT/EN  
Distribuição gratuita

[mojo.org.br](http://mojo.org.br)

# **Lobos na literatura ocidental**

Lisa Jesse

# domínio ao público

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA  
É DIREITO DE TODOS.

---

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS  
BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural e seus parceiros. O objetivo deste projeto é traduzir e editar obras extraordinárias do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — e outras, que nos ajudem a entendê-las melhor — artigos, ensaios acadêmicos, teses etc. Nossas edições digitais são bilíngues e gratuitas e podem ser encontradas no site [www.daop.org.br](http://www.daop.org.br), livres para serem compartilhadas.

*Que você faça o bem e não o mal.*

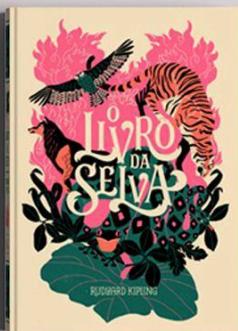
*Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.*

*Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.*

As obras em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para outros idiomas. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. São obras que nos ensinam a entender o ser humano, seu caráter, suas falhas e nos dão um repertório enfrentar adversidades. Não existem melhores motivos para empregar esforços e torná-las livres da barreira da língua. A democratização do Domínio Público é um dever de todos os cidadãos, instituições e governos — no mundo todo.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES  
EXTRAORDINÁRIOS

domínio  
ao público



APOIE COMPRANDO OU LEIA DE GRAÇA  
[www.daop.org.br](http://www.daop.org.br)

# **Lobos na literatura ocidental**

Lisa Jesse

*Dr. Thomas Heffernan, orientador*

*Tradução voluntária de:*

*Nathália Campos, Rayssa Féu, Jynnie Melo, Francine Barreto  
e Camila Villalba*

# INTRODUÇÃO

O *Canis Lupus* já foi muito difamado na tradição literária ocidental. Sua própria sobrevivência como espécie foi colocada em risco por conta disso. Superstições e medos criaram uma fera fictícia à qual sempre cabe o papel de vilão nos contos europeus. De acordo com a historiadora Beryl Rowland, “a antiguidade e a longevidade dessa crença estabelecem o lobo como uma fera assassina e contribuem para que esse simbolismo pejorativo persista” (162). Este artigo visa justificar tal declaração ao demonstrar sua persistência através de evidências de como o lobo é continuamente representado de forma pejorativa e analisar os vários gêneros literários europeus nos quais esse animal desempenha papel de destaque. Embora o escopo da análise seja limitado a um contexto ocidental, há exemplos da literatura oriental — em especial a russa — que corroboram essa opinião.

O primeiro capítulo, *Visão geral histórica*, é uma ampla pesquisa sobre a presença dos lobos na mitologia, religião e folclore ocidentais. A grande discussão relacionada às caracterizações específicas do lobo é limitada a dois gêneros literários e será exposta nos dois capítulos seguintes. A análise mais aprofundada do papel dos lobos em fábulas e contos de fadas descortina sua persistente representação como feras vorazes, diabólicas, enganosas e com tendências ao

roubo e ao desvirtuamento. Estes dois gêneros foram selecionados por conterem obras ainda conhecidas nos dias de hoje e que provavelmente causaram o maior impacto em nossa atual percepção sobre os lobos. A representação do lobo em tais histórias foi repetida em obras subsequentes e também teve grande influência na literatura que surgiria a seguir e no imaginário europeu. As fábulas demonstram a continuidade das caracterizações ocidentais mais persistentes do lobo, enquanto os contos de fadas mostram como os humanos manifestaram seu medo ao animal através de histórias infantis.

Há também uma seção que explora os aspectos psicológicos por trás das caracterizações humanas de animais, no intuito de descobrir como determinadas imagens foram formadas e por que ainda persistem. Uma explicação provável para o ódio aos lobos é o medo de que os humanos possuam as mesmas características bestiais, as quais acabam espelhadas no animal. Essa prática fica evidente nas associações que a igreja cristã medieval fazia entre lobos e demônios, fato que ameaçou significativamente a sobrevivência dessa espécie. Para a igreja, o lobo representava a bestialidade profana. Nos Estados Unidos, antes do século 19, a conquista da vida selvagem era sinônimo de progresso. Na prática, isso se traduziu na contínua matança dos lobos e de outros animais selvagens, como o bisão ou búfalo americano (*Bison bison*) – campanhas de exterminação

e recompensas pela caça desses animais praticamente dizimaram populações inteiras dessas espécies em várias regiões do país.

O capítulo final estabelece conexões entre a literatura e impressões modernas sobre o lobo, no intuito de descobrir como as imagens do passado influenciam as atuais. Também questiona se algumas das descrições literárias fazem jus ao que se conhece do comportamento dos lobos. Por fim, o artigo investiga as mudanças na literatura recente, com abordagens mais solidárias e cientificamente corretas.

# CAPÍTULO 1: VISÃO GERAL HISTÓRICA

Por milhares de anos, narradores, fabulistas e autores têm empregado a figura do lobo em suas narrativas. A reputação do lobo como uma fera voraz foi construída nas histórias, fábulas, contos e mitos europeus antes de Cristo. Os maiores desvios da interpretação consistente de características do lobo aparecem primariamente em suas representações primitivas e, muita vez, contraditórias. Algumas dessas primeiras lendas apresentam o lobo como uma figura maternal e doadora da vida; já outras, como uma fera selvagem e sanguinária. Os lendários fundadores de Roma, Rômulo e Remo, foram amamentados por uma loba na popular versão de Plutarco, no ano 70 (século I d.C.), da antiga lenda que data do quarto século a.C. Muitas crenças nativas estadunidenses colocam o lobo em uma posição de reverência e respeito. O povo Nez Perces, por exemplo, acreditava que o lobo era o ancestral da raça humana (Rowland, 161). O lobo de grande parte da literatura, no entanto, difere em muito dessa figura materna primária.

Uma caracterização uniforme do lobo como símbolo de avidez e ganância eventualmente se formou, com o lobo aparecendo regularmente em diferentes formas da literatu-

ra ocidental. As imagens negativas perduraram até hoje. As seções a seguir mostram brevemente a presença dos lobos em lendas e literatura desde a mitologia antiga até contos de fadas e fábulas dos séculos 19 e 20. Lendas gregas primitivas e de outras partes do mundo começaram com opiniões conflitantes sobre os lobos, mas as fábulas e bestiários seguidos por lendas sobre lobisomens e contos de fadas formaram um consenso literário sólido sobre a natureza do animal. Sendo assim, a imagem do lobo como uma besta destruidora e gananciosa veio das representações comuns e consistentes em trabalhos literários desde a antiguidade até os dias atuais.

## MITOLOGIA GREGA PRIMITIVA E LENDAS

Lendas gregas, egípcias, célticas e nórdicas costumavam incluir a figura do lobo como um símbolo de poder e destruição. Nelas, o lobo teve muitos papéis — de deuses nobres a poderosos inimigos e vítimas desamparadas pelos deuses. Portanto, não há nenhum consenso sobre sua natureza (boa ou má) nessas histórias. Nos mitos gregos, o lobo era associado a Apolo e Zeus. Apolo, como o padroeiro dos pastores e assassino de lobos, já foi adorado no edifício que agora leva o nome do lobo, o Liceu (Lopez, 21). Ele era filho de Zeus e sua mãe era Leto, que se disfarçava co-

mo uma loba para iludir a esposa ciumenta de Zeus, Hera. Zeus transformou Licaonte em um lobo como punição pelo seu comportamento brutal e o nome Licaonte existe hoje no nome científico de uma subespécie, o lobo-canadense-oriental, *Canis lupus lycaon* (Busch, 86). Marte, deus da guerra, foi retratado na Idade Média na companhia de um lobo (Rowland, 162) e supostamente é pai de Rômulo e Remo. Como o deus das terras que separa os campos cultivados das florestas selvagens, a associação parece apropriada. Autólico, cujo nome significa “ele que é um lobo” aparece no Livro Dez da *Odisseia* de Homero como o avô do herói Ulisses. Egípcios adoravam o lobo como Apolo em Lycopolis e Osiris retornou dos mortos na forma de um lobo para buscar vingança sobre Set (Rowland, 161). A deusa Ish-tar, de *A epopeia de Gilgamesh*, possuía o poder de punir inimigos transformando-os em lobos.

No mito celta, Lok era o poder destrutivo do universo na forma de um lobo. Mitos nórdicos contavam a história de Fenris, um monstruoso lobo cujo destino era destruir o sol (Rowland, 162). Ele era o filho de Loki, o deus teutônico da aurora. Lobos acompanhavam os destinos teutônicos, chamados de Norns. O deus Odin viajou para batalha com dois grandes lobos (Busch, 88). Os finlandeses chamavam os lobos de cães de caça de Rutu — cachorros do espírito da morte.

As lendas concordam em suas caracterizações do lobo em um nível surpreendente, considerando que se originaram em regiões distintas e distantes. De qualquer forma, há uma dificuldade em formar uma única figura do lobo apenas por elas. Confusão resultou da própria palavra “lobo” nas interpretações primitivas de mitos antigos conectando luz e crepúsculo. A palavra grega para lobo, *lukos*, lembra a palavra para luz, *leukos*, e algumas vezes as palavras eram confundidas em traduções. Isso talvez explique a associação com o deus do sol, Apolo, com o lobo (Lopez, 272). Em latim, as similaridades de *lupus* (lobo), *lucis* (luz) e Lúcifer, parecem sugerir uma associação, o que pode explicar as primeiras conexões entre lobos e demônios. (Lopez, 209-10).

## FÁBULAS

Uma forma antiga e duradoura da literatura que perpetuou uma percepção do lobo como criatura sinistra foi a fábula. Esse tipo de narrativa vem de uma longa tradição oral, a qual retrata o lobo como um personagem de pouca inteligência, moralmente corrupto e de apetite voraz. A longa lista de fábulas que usou o lobo para moralizar inclui: *O lobo e a garça*, *O lobo e o cordeiro* e *O cachorro e o lobo*. A maioria dessas histórias é atribuída a Esopo, e, ainda que a maioria dos estudiosos concorde que Esopo existiu, é possível que algumas dessas fábulas não sejam de sua auto-

ria. Mais tarde, fabulistas continuaram a tradição para além da Idade Média, preservando a reputação do lobo por mais duzentos e cinquenta anos. Pais continuam a dividir algumas das fábulas mais populares com seus filhos e muitos dos princípios das histórias do lobo são, agora, bastante familiares. Em razão da popularidade das fábulas, essas narrativas tiveram um impacto especial na reputação do lobo. Esse tópico será abordado detalhadamente no próximo capítulo.

## AUTORIDADES ANTIGAS E BESTIÁRIOS MEDIEVAIS

A Idade Média cristã foi uma época de grande imaginação e superstição — pouca ciência empírica. Animais eram populares como imagens e símbolos, mas não havia quase nenhum interesse no entendimento científico. Fato e ficção andavam juntos na literatura popular. Ao relatar as características de um animal em um bestiário medieval, por exemplo, o autor baseava-se em descrições prévias, ensinamentos da igreja e em sua imaginação, ao invés de observar o mundo natural para chegar à sua conclusão final. Isso é evidenciado pela presença da fênix e do unicórnio junto ao lobo na literatura bestiária. Sendo assim, a descrição do lobo como uma fera voraz e demoníaca veio de uma necessidade de ter uma personagem interpretando o demônio para

comunicar a moral ao invés de observações dos lobos na natureza. Uma das primeiras representações de animais na literatura foi o grego *Physiologus*, que é traduzido como *O Naturalista*. O que começou como uma caprichosa história natural dos animais tornou-se um meio para interpretações alegóricas. Cada vez mais popular, acabou se transformando uma ferramenta conveniente para a condução da instrução moral. Assim, a cada nova versão, o texto tornava-se menos relacionado à zoologia e mais às lições morais.

As primeiras versões do *Physiologus* datam do segundo século, na Alexandria, e foram construídas a partir de uma tradição oral, com Plínio, Aristóteles e Solino dentre suas fontes. A versão em latim do *Physiologus* primeiramente foi traduzida por volta do ano 400 d.C., e mais tarde se transformou nos bestiários medievais em latim e em francês — populares no século 15 e amplamente lidos, sendo ultrapassados em popularidade apenas pela *Bíblia*, de acordo com algumas estimativas. As caracterizações básicas e morais relativas aos lobos são bem similares em várias versões existentes do *Physiologus*, mas o lobo não apareceu consistentemente até o século 17, quando foi adicionado pelos autores de bestiários e se tornou um personagem particularmente popular (George & Yapp). De fato, o animal favorito para representar uma figura religiosa na literatura primitiva da Europa Ocidental da Idade Média era o lobo

(Ziolkowski, 124). De acordo com Lopez, europeus da era medieval eram “obcecados” por imagens de lobos (206).

As alegações estabelecidas nos bestiários medievais, tanto sobre a natureza dos lobos quanto sobre a etimologia, frequentemente tinham pouca base na realidade. Para o leitor moderno, muitas dessas explicações pareceriam absurdas, mas de qualquer maneira as caracterizações e associações gerais formadas a partir desses bestiários permanecem. De acordo com uma versão, os gregos chamam o lobo de *lyeos*, que deriva de *lux*, “luz da manhã”, uma derivação apropriada para tais saqueadores (McCulloch, 188). Na tradução de T. H. White de um bestiário latino do século 12, os olhos do lobo brilham como lâmpadas na noite. Outro diz que os gregos os chamam de *Lieus*, a palavra grega para “mordidas” porque “lobos massacram qualquer um em seu caminho com uma fúria gananciosa” (White, 56). Outros afirmam que o nome surgiu de *leo-pos*, “patas de leão”, porque “tudo o que atacam morre”. Se um galho faz barulho quando o lobo pisa nele, ele coloca seu pé na boca como punição. Por essa razão, em manuscritos ilustrados, o lobo é frequentemente retratado mordendo sua própria pata.

O lobo dos bestiários é uma “besta voraz, que anseia por sangue” (White, 56). Quase no final do registro sobre lobos na tradução de White, o texto sugere que as características do lobo devem ser interpretadas alegoricamente.

Uma afirmação das considerações de Plínio em *História Natural*, 77 d.C., que se repete nos bestiários do século 12, é que o olhar fixo do lobo pode causar perda de voz para um homem se o lobo o vir primeiro. Como o inimigo que causa ao homem a perda da habilidade de chorar para Deus, um lobo poderia deixar o homem sem ação. Uma crença era a de que o lobo nunca conseguia virar seu pescoço pra trás por falta de articulações no pescoço, algo metafórico ao demônio, que nunca se arrepende. A analogia era clara:

*O demônio tem semelhanças com um lobo: ele que está sempre olhando para a raça humana com olhos malignos e rondando sorratoeiro os rebanhos de ovelhas dos fiéis para que ele possa afligir e arruinar suas almas (59).*

Claramente, muitas dessas noções eram falsas, mas os numerosos registros nos bestiários medievais demonstravam a crescente hostilidade em relação aos lobos, construída através de medo, desconhecimento e falta de preocupação com a precisão científica.

## A INFLUÊNCIA CRISTÃ

A fonte mais provável para as caracterizações diabólicas dos lobos encontradas nos bestiários e histórias religiosas posteriores foi a *Bíblia*, que traz várias referências ao lobo predador, a partir do *Antigo Testamento*: “Benjamin é um lobo traiçoeiro; pela manhã ele devora a presa e à noite ele divide os restos” (Gênesis, 49:27). Lobos na *Bíblia* são cri-

aturas assustadoras e até diabólicas: homens predadores são “como lobos dilacerando presas, derramando sangue e destruindo vidas para obter seu ganho desonesto” (Ezequiel, 22:27). Eles são usados como ameaça de punição pela falta de Deus em Isaías 5:6.

*Por isso, um leão da floresta os atacará, um lobo da estepe os arrasará, um leopardo ficará à espreita nos arredores de suas cidades para despedaçar qualquer pessoa que delas sair. Porque a rebeldia deles é grande e muitos são os seus desvios.*

O comportamento normal dos lobos é igualado com danos e maldade em mais duas passagens, em que Cristo descreve as condições em sua “montanha sagrada”: “O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor” (Isaías, 65:25). A ideia se repete em Isaías 11:6 “o lobo pastará com o cordeiro e o leopardo se deitará com a criança.” Como o lobo não pasta como um animal de fazenda doméstico e o leão não subsiste com palha, o comportamento natural desses carnívoros é então associado ao “mal” e aos “danos”. A agressão predatória do lobo se caracteriza como uma fera naturalmente malvada nessas passagens.

O Novo Testamento faz uso metafórico do lobo como o predador do rebanho das ovelhas cristãs. Cristo alertou seus apóstolos de que Ele estava mandando suas ovelhas ou cor-

deiros “para o meio de lobos” (Mateus 10:16, Lucas 10:3). Em Mateus 7:15, Cristo diz, “Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vocês em roupa de cordeiro, mas por baixo são lobos famintos.” Em João 10:12, Cristo diz, “Ele que é um mercenário e não um pastor, que não é dono das ovelhas, olha para o lobo chegando e deixa as ovelhas, as abandona, e o lobo as arrebatou e as dispersa.” Lobos são ligados aos hereges em Atos 20:29: “Sei que depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão em vosso meio, não pouparão o rebanho.” A lição dessas metáforas e comparações bíblicas era que os bons líderes cristãos são os pastores do fiel rebanho, os guardando da predação demoníaca dos lobos.

A imagem do lobo criada na *Bíblia* — atacando os rebanhos cristãos — inspirou outros textos posteriores (Ziolkowski, 204). Padres delinquentes foram denunciados por deixarem seus rebanhos caírem nas garras de lobos. Monges foram chamados de lobos quando se apropriaram de terras para o entretenimento (Rowland, 163). Referências do pastor negligente com o lobo aparecem na literatura de muitos poetas populares nos bestiários. (Ziolkowski, 205). O pároco de Chaucer, de *Os Contos de Cantuária*, era crítico daqueles que “têm sido os lobos diabólicos que estrangulam as ovelhas de Jesus Cristo” (*O conto do pároco*, 767). Perdoadores, que — como os descritos por Chaucer —, venderam perdão para pecadores bem como professores hereges, eram chamados de lobos por predadores me-

dievais (Rowland, 163). Na pintura de Andrea de Firenze, *O caminho para a Salvação*, na capela espanhola de Santa Maria Novella, em Florença, os lobos têm o significado de hereges (Friedmann, 304-305). De forma geral, o lobo passou a representar os clérigos que utilizavam mal seu poder e esse tema específico se infiltrou na literatura na forma de um conjunto de contos do lobo-monge.

## O LOBO-MONGE E OUTROS CONTOS

Um desenvolvimento importante no papel dos lobos na literatura ocidental veio na Idade Média, quando os lobos eram representados como monges em contos eclesiásticos. Como comentários sobre monges e práticas monásticas, essas histórias condenavam aqueles que se tornaram monges em busca do conforto material em vez de fazê-lo por razões espirituais. Também se aplicavam ao falso arrependido. O tema aparece no conto do século onze *O Lobo* em que se torna um monge quando lhe convém. *O lobo de Ovídio* e *O lobo vai para o inferno* continuaram essa tradição com o lobo-monge se tornando o “personagem favorito da poesia latina” (Ziolkowski, 208). A presença do lobo-monge em contos possibilitou uma crítica aguda da hierarquia eclesiástica, caracterizando o lobo como uma figura famigerada, egoísta, negligente e feroz que encontrava a morte como punição para seus pecados.

Esse tipo de personagem ganhou popularidade até um apelido, *Ysengrim*, no século doze e evoluiu até o animal literário épico, o *Ysengrimus*, em 1150. O nome tem uma etimologia incerta, possivelmente significando “máscara do lobo” de *isen* (“ferro”) e *grijm* (máscara de batalha). O nome pode se referir ao culto de adoração animal de tribos guerreiras ou a um espírito do mal do folclore suíço, *isen-grind*, que seqüestrava crianças (Ziolkowski, 209). Independentemente da origem do nome, era comumente usado para designar lobos como clérigos e era reconhecido como lobo-monge quando *Ysengrimus* foi composto. O maior poema do bestiário medieval, com 6.600 linhas, era composto de uma dúzia de histórias em sete livros, contando a luta entre o lobo e Reynard, a raposa. Foi repetido em francês, *Roman de Renart*, datado de 1170 até 1250. A história popular rapidamente se espalhou pela Europa em versões em alemão, neerlandês e inglês, construídas a partir das versões latinas e francesas. Reynard, a raposa, foi representada sob uma luz amigável como a heroína camponesa enquanto o lobo era um personagem mais ameaçador, representando a nobreza opressiva. Ele era um criminoso, estúpido e traçoeiro, forçando trabalho dos asnos e enganando as velhas cabras. No ciclo de Reynard, os animais representavam diferentes membros da sociedade, fazendo dele “um dos mais importantes veículos para sátira no final da Idade Média” pois era perigoso condenar abusos políticos e eclesiásticos

em termos mais diretos, sem paródias com animais. (Klingender, 368).

O lobo também recebeu menções na *Divina Comédia* de Dante, como uma loba “carregada com o desejo de sua ganância” (Canto I, linha 50) e mais tarde como um “lobo amaldiçoado do inferno” (Canto VII, linha 8). De acordo com Thomas Bergin, a loba era um sinal da corte papal e da corrupção dentro da igreja (Friedmann, 304). Aqueles condenados pelos “pecados do lobo”, incluindo mágica, hipocrisia, roubo e sedução residem no oitavo círculo do inferno, uma das mais baixas e horríveis regiões do inferno (Lopez, 205). Como no ciclo de Reynard, o abuso das posições de poder no reino secular também podiam fazer alguém levar o título de “lobo”. Uma história de lobo notável é encontrada em outra categoria de contos nas quais santos domam animais selvagens, representando a redenção dos hereges e bandidos pelos santos. O tema de personagens bestiais como a personificação da natureza bestial do homem será investigada no capítulo 4. O medo aos lobos construído através da literatura contribuiu para uma vasta coleção de superstições e folclore, na qual o efeito tangível foi uma perseguição aos lobos, com séculos de duração. Seu início será descrito a seguir.

## LOBISOMENS & FOLCLORE LOBO

Várias leis medievais encorajavam a perseguição aos lobos. Havia uma autorização para matar lobos desde o Natal até o dia 25 de março sob a Lei da Floresta, mas os animais provavelmente eram perseguidos ao longo do ano (Rowland, 164). Um rei inglês do século 10, Edgar, o pacificador, aceitava pagamentos de impostos na forma de cabeças de lobos (Busch, 87), e pagamentos como fiança para a prisão eram um número definido de línguas de lobos (Lopez, 208). A Lei Welch permitia a matança de animais que “só faziam mal”, incluindo raposas e lobos (Rowland, 164). Em *O mercador de Veneza*, Shakespeare escreveu “Teus desejos são como os do lobo: sangrentos, famintos e ávidos” (iv.I.138). Shakespeare também chama o apetite de “lobo universal” e camponeses na Idade Média chamavam a fome de “o lobo”. Lordes feudais também eram lobos. Continuando com o simbolismo previamente estabelecido em mitos, analogias eram feitas sobre a desarmoniosa relação entre lobos e ovelhas e tons musicais discordantes. Na verdade, o simbolismo chegou ao ponto de concluir que cordas musicais feitas de tripas de ovelhas desafinariam se fossem usadas em um instrumento com uma única corda de tripas de lobo. Uma nota mal tocada até hoje é descrita como “corda de lobo” (Rowland, 166). Uma crença similar e muito difundida era a de que os lobos odiavam música. A tradução de T. H. White de um bestiário latino explicou que

os lobos eram “alérgicos a sons, como cantoria ou címbalos” (60). Em bestiários, dizia-se que era possível espantar um lobo apenas batendo uma pedra em outra.

Muitas culturas têm variações sobre a criatura do lobo, mas nenhuma tão famosa quanto a do lobisomem da Europa medieval (Busch, 90). A crença no lobisomem era popular na Rússia e na Europa — Alemanha, Grécia, Itália, Sérvia e especialmente na França, onde muitos foram queimados na fogueira por apresentarem traços lupinos. O lobisomem já existia em lendas antigas. No século 5 a.C. Heródoto expressou sua descrença na habilidade de homens se transformarem em lobos e Plínio desencorajou a ideia como “fabulosamente mentirosa.” Sob a Lei de Canute, criminosos eram chamados de *verevulf*, como um homem que se transformou em animal em função de seu comportamento antissocial (Rowland, 164). Os lobisomens, metade homem metade lobo, inspiram muitas questões e levaram muitas narrativas a atribuir qualidades humanas aos lobos. Essas questões serão exploradas no capítulo 4.

## CONTOS DE FADAS E HISTÓRIAS POSTERIORES

De acordo com estudiosos modernos, os lobos nos contos de fadas podem ser representantes do predatismo sexual — uma associação curiosa, considerando o papel centenário

desses contos como instrutores morais para crianças. Essa conexão não é nova; *Lupa* e loba se referiam a prostitutas desde os tempos antigos. O conto do provedor de Chaucer caracteriza o lobo assim:

*Também as lobas têm instinto vil:  
Elas aceitam, quanto estão no cio,  
Copular com o último dos machos,  
O mais famigerado, bruto e baixo.*<sup>1</sup>

(Conto do Provedor, 183-186)

Nos séculos mais recentes, *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, e *Minha Antonia*, de Willa Cather, descreveram lobos como criaturas famintas e perversas. Os contos de fadas infantis *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *Sete Cabritinhos e o Lobo* e *Pedro e o Lobo* mostram um lobo diabólico e ganancioso. Essas descrições de lobos para a infância ainda se apresentam atuais e têm grande impacto nas noções que temos do lobo. Fábulas e contos de fadas marcaram o começo da história do lobo na literatura. Apesar de continuamente criados e recriados em suas várias versões, demonstram a continuação do papel do lobo. Por essa razão, os próximos dois capítulos se concentram em como o lobo é retratado nesses tipos específicos de histórias.

## CAPÍTULO 2: OS LOBOS NAS FÁBULAS

As fábulas seguem uma fórmula específica por muitas centenas de anos. Esopo, Aristófanes (488-388 a.C.), Horácio (68-8 a.C.), Maria de França (1160-1190), William Caxton (1422-1491), Leonardo da Vinci (1452- 1519), Jean de la Fontaine (1621-1695), John Dryden (1631-1700), John Gay (1685-1732), Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), William Blake (1757-1827), Leo Tolstói (1828-1910), Robert Louis Stevenson (1850-1894), Franz Kafka (1883-1924) e James Thurber (1894-1961) (Kennerly) foram alguns dos fabulistas mais famosos. As fábulas de Esopo e de outros autores inspirados por ele têm um formato familiar: uma narrativa fictícia curta com uma lição de moral onde os animais assumem posicionamentos éticos que representam características humanas. Um ponto que atrai autores a escrever fábulas é seu formato universal e a simplicidade com a qual ela pode expressar lições morais a leitores dos mais variados contextos educacionais.

Assim como em outros tipos de ficção onde os animais são personagens principais, as fábulas projetam qualidades humanas nos animais com o objetivo de torná-las mais relevantes aos leitores. Por exemplo, ovelhas são inocentes,

raposas são astutas e lobos são cruéis. Às vezes, os animais representam certas classes sociais. Nessas fábulas, os lobos costumam desempenhar o papel de opressores e os cordeiros, novamente, são os inocentes. O leitor já conhece esses personagens e antecipa quais traços de personalidade serão discutidos na lição de moral apenas pela leitura do título. Dessa forma, *O Lobo e o Cordeiro* certamente apresentará uma narrativa sobre a inocência (cordeiro) contra a cobiça (lobo), e *A Raposa e o Lobo* contará uma história sobre a inteligência (raposa) enganando o tolo (lobo). O fato de o autor não precisar introduzir cada animal no início de uma história contribui para a brevidade conveniente das fábulas. No entanto, a caracterização dos lobos criada e mantida por elas manchou sua reputação, especialmente após os leitores atribuírem a moral humana à natureza dos animais até mesmo fora do contexto das fábulas.

A lição de moral é, em geral, o propósito das fábulas, e a identificação dos estereótipos auxilia nesse objetivo. Uma coleção popular editada em 1740 por Samuel Richardson demonstra esse ponto em seu longo título: *Fábulas de Esopo com morais instrutivas e reflexões abstraídas de todas as considerações\*\*\*, adaptadas com máximo rendimento; e projetadas para promover religião, moral e benevolência universais*. Como era a moda da época, ele escreveu fábulas para o grande público, e não para o público jovem, uma vez que o gênero já usufruía de muito interesse e respeito

no século 18. Diferente dos dias de hoje, quando as fábulas são limitadas à literatura infantil, na época de Richardson elas eram dignas de mérito literário (Noel, 2). Sua coleção bem sucedida passou por diversas edições e foi traduzida para o alemão por outro fabulista famoso, Gotthold Lessing (Noel, 114).

Robert Dodsley foi um autor inglês famoso no século 18, associado a Samuel Johnson e Alexander Pope. Ele também colecionou e publicou uma seleção de fábulas de Esopo bastante aclamada; foi editada pelo menos 32 vezes, de 1761 até 1824, sem considerarmos as edições recentes em 1976, 1983 e 1993. Assim como a coleção de Richardson, a de Dodsley é notável porque demonstra a popularidade do formato da fábula, além de ser uma representação da opinião do século 18 acerca da natureza dos animais. Em uma série de ensaios que introduzem uma coleção intitulada *Fábulas Seleccionadas de Esopo e Outros Fabulistas\**, Dodsley claramente expressa a percepção de que a natureza dos animais está representada com precisão pelos estereótipos das fábulas. Sua introdução começa com “Uma nova vida de Esopo. Coletada de escritores antigos. Por um amigo culto.” Em *Um ensaio sobre Fábulas*, esse autor erudito apresentou o seguinte conceito:

*“A verdade é que, quando atitudes Morais são atribuídas às criações brutas, raramente percebemos que a Natureza jamais é violada pelo Fabulista. Ele parece, no máxi-*

*mo, ter traduzido sua língua. Seus Leões, Lobos e Raposas se comportam e discutem como essas criaturas fariam se fossem dotadas das faculdades humanas da fala e do raciocínio.”* (Dodsley, Ivi).

A partir de tal declaração, é possível concluir que o autor vê a natureza de lobos selvagens representada corretamente no comportamento dos lobos das fábulas. Ou seja, se os humanos fossem capazes de entender a linguagem das criaturas “brutais” da natureza, o lobo apresentaria as mesmas ações morais a que são comumente designados nas fábulas. Acerca das propriedades específicas dos animais nas fábulas, o autor compreende como fato que “havia um viés absurdo ao pintar uma Lebre como cruel, ou um Lobo como compassivo”, com a clara indicação de que a natureza dos lobos é definida como crueldade intencional.

Para Dodsley e seus contemporâneos, o lobo representa um elemento na raça humana que, quase invariavelmente, representa as piores tendências da raça. Animais são, de muitas formas, tão próximos aos humanos que “precisamos somente lhes dar voz para provocar semelhança impressionante.” (Dodsley, liv). “Animais, em seu caráter natural, sem as vantagens da fala e do raciocínio atribuídas a eles pelos Fabulistas, podem, falando-se de Moral, assim como de Arte, se tornar exemplos da raça humana.” (Dodsley, liv). Ele escreveu no final da tradição das fábulas da literatura ocidental, então é justo dizer que suas palavras re-

sumem ideias que já estavam estabelecidas na história desse gênero. Uma das ideias perpetuadas por ele foi a de que os animais tinham certas “características conhecidas”. Em um ensaio chamado *Sobre a Ação e os Incidentes próprios da Fábula*, Dodsley instrui fabulistas a não atribuir aos animais “desejos e paixões que não condizem com suas características inatas.” (Iii). Uma vez que essas características foram compiladas com base em fábulas anteriores e mitos literários, e não em observações dos animais na natureza, a imagem sinistra dos lobos foi perpetuada. Esse fato é importante quando autores cultos e versados como Dodsley atribuem uma “ação moral”, como a crueldade, aos lobos como “característica inata”. Robert Dodsley não estava sozinho ao enfatizar a crueldade dos lobos. Thomas Bewick publicou uma coleção de Esopo na Inglaterra em 1818 que apresentava uma visão dos lobos mais culta do que os autores anteriores. Em seu estudo sobre *O Lobo e o Cordeiro*, Bewick afirma: “homens de índole lupina e temperamento invejoso e ganancioso não suportam ver indústrias honestas se erguendo.” (Lopez, 156). Maldade, corrupção e falta de inteligência são atribuídas à índole natural do animal. De acordo com esse pensamento, o fato de matar cordeiros pode ser atribuído à brutalidade inata dos lobos.

A atribuição regular de qualidades humanas a animais representa o lobo como uma figura opressiva, faminta e cruel. Às vezes, o lobo tende a representar o vilão astuto,

mas, normalmente, tolo e raramente tendo sorte ou sendo bem sucedido em suas empresas. Ele costuma tentar enganar, mas falha e se revolta ou é até mesmo morto. É violento e tirano e, ao mesmo tempo, se passa por covarde. Certas noções aparecem com frequência em relação aos lobos. Por exemplo, é muito comum serem descritos como esfomeados ou famigerados, e quase sempre envolvidos em alguma busca por comida. Ele faz o que faz como fruto de sua fome desmedida, mas falha pela gula. O lobo é descrito como uma “besta perigosa” na fábula *O lobo e o cordeiro*, caracterizada por sua crueldade, injustiça e opressão. É comum que não consiga reconhecer sua própria avidez, coisa que ele rapidamente reconhece em outros animais. Na famosa fábula *O lobo e o grou*, o lobo implora ao grou para que remova um osso preso em sua garganta, prometendo-lhe uma recompensa. Depois que o prestativo grou realiza a perigosa tarefa, o lobo acha absurdo que o grou queira algo mais do que não ter sua cabeça arrancada. Esta é uma típica representação do lobo como ganancioso e ingrato.

Em quase todas as fábulas onde aparecem, os lobos interpretam o violento ou ogro, tornando-os as criaturas mais maltratadas e descaracterizadas das fábulas. Um autor afirmou que os lobos são “os menos amados no panteão dos animais.” (Kennerly, 6). Ela também menciona que o lobo, como o “brigão” e a “besta de caninos e garras, feio e previsível”, é a criatura que mais se parece com os humanos

(Kennerly, 6). Vários autores e versões alteraram as histórias clássicas por demonstrarem como a natureza humana é imutável. Assim como os animais das fábulas, o lobo é incapaz de entender as consequências de suas ações antes de acontecerem, e é isso que os torna tão atraentes para os leitores. O lobo é a “incompatibilidade entre o instinto e o racional” (Kennerly, 6). Por causa da constância da personalidade dos lobos, é possível olhar para fábulas típicas e desenhar uma única imagem deles, o que não acontece em outros tipos de literatura.

Nas duas fábulas seguintes, o lobo é usado para representar o ladrão burro ou o vilão que demonstra as falhas morais dos humanos. A primeira fábula é intitulada *O lobo ladrão*, e é atribuída a Valerius Babrius, um fabulista grego do segundo século depois de Cristo. A segunda fábula é igualmente antiga, pertencente à coleção de Robert Dodsley, chamada *O lobo disfarçado*.

### **O lobo ladrão**

Um dia, um lobo estava carregando para casa uma ovelha que havia roubado de um rebanho. Um leão o viu e arrancou a ovelha dele. Mantendo-se a uma distância segura, o lobo rosou:

— Você é injusto! Roubou a minha ovelha.

O leão deleitou-se com a acusação do lobo e zombou:

— Sem dúvida a conseguiu honestamente, assim como um presente de um amigo.

Babrius, traduzido para o inglês por Ben Edwin Perry (Kennerly, 121).

### **O lobo disfarçado**

*Moral: hipócritas espertos se expõem a descobertas exagerando em seus papéis.*

*Um Lobo que visitava um rebanho de ovelhas do bairro com frequência tornou-se muito conhecido por elas, então achou que seria mais conveniente se disfarçar para continuar suas invasões com sucesso. Para isso, ele se vestiu de pastor. Posicionando suas patas dianteiras em um pedaço de madeira, que o serviria como cajado, ele calmamente se aproximou do curral. Coincidentemente, o pastor e seu cachorro estavam deitados na grama, dormindo. De certo conseguiria executar seu plano, se não tivesse cometido o erro de tentar imitar a voz do pastor. O barulho horrível acordou os dois. Quando o Lobo, pesado por conta do disfarce e certo de que seria impossível lutar ou fugir, se rendeu como uma presa fácil para o cachorro do pastor. (Dodsley, 56-7).*

Uma análise das duas fábulas reproduzidas aqui revela que em cada uma delas o lobo faz o papel do personagem covarde, moralmente corrupto, guloso e ladrão tolo, seguindo o padrão imposto por outras fábulas. A primeira fábula mostra o lobo como um ladrão, e na segunda ele é pe-

go em flagrante tentando saquear o curral. O lobo é um tolo que é zombado pelo leão em *O lobo ladrão*. Ele é retratado com um disfarce na segunda fábula. A expressão “lobo em pele de cordeiro” ganhou popularidade através dessas fábulas famosas. Em outras narrativas, o lobo está se escondendo ou à espreita, comportamentos condizentes com sua natureza covarde. Quando o leão aparece, o lobo se certifica de que ele está a uma “distância segura” do feroz leão antes de insultá-lo. Similarmente, quando o lobo em *O lobo disfarçado* percebe que não tem chance contra o cachorro, ele se rende ao animal.

Na verdade, se o lobo selvagem tivesse a mesma sorte que o das fábulas, ele nunca faria uma refeição e desapareceria. Nas fábulas, apanhar presas é sempre sinônimo de roubo, ou é caracterizado como um ato intencional de crueldade. Se esse fosse o caso, todo predador natural seria um ladrão. Uma fábula específica, *O lobo e os Pastores*, parece abordar esse fato quando o lobo vê homens refestelando em um banquete de carne de cordeiro. A moral da fábula é: “O quão apto está o homem a julgar nos outros o que ele mesmo pratica sem escrúpulos?” Esta fábula mostra que o homem não reconhece nele mesmo a ganância lupina que critica nos outros, assim como ele também não vê a projeção de traços humanos nos animais.

As descrições equivocadas surgem da necessidade de ter um personagem reconhecível. As concepções errôneas

dos animais vêm da crença de que a moral dos lobos dos livros são verdade na natureza. O problema com a reputação dos lobos é que adultos que leram tais contos quando criança não costumam repensar suas perspectivas. A caracterização dos animais não pode ser retirada das páginas dos contos e ser aplicada à perspectiva moderna deles. Tal prática projeta uma imagem negativa antropomórfica em animais selvagens. É muito mais fácil temer uma espécie cuja imagem amedronta as crianças; é mais simples odiar as criaturas que, como o ladrão da fábula, tiveram o que mereceram quando ficaram de mãos vazias. Quase toda criança conhece uma versão das fábulas de Esopo porque é uma forma conveniente de ensinar lições de moral. Mesmo que a intenção principal das fábulas seja a edificação moral, o resultado secundário é que as crianças aprendem a temer os lobos. Enquanto não repensarmos essas caracterizações antiquadas da infância, a imagem que as fábulas pintam dos lobos persistirá. No capítulo cinco discutiremos como algumas das imagens populares das fábulas ainda vicejam na sociedade moderna.

## CAPÍTULO 3: OS LOBOS NOS CONTOS DE FADAS

O conto de fada como gênero literário, apesar de características em comum, são menos definíveis ou uniformes que as fábulas. Há muito mais variedade em contos de fadas tanto entre contos diferentes como em várias versões de um conto específico. Cada conto de fada tem sua própria história com algumas versões e traduções, às vezes originados de uma conto oral, e muitas das características dos contos de fadas mudaram bastante com o passar do tempo. No geral, se tornaram mais suaves em tempos recentes. Há distinções consideráveis entre os contos originais dos autores, como os irmãos Grimm, e as versões da Disney com seus “era uma vez” e “viveram felizes para sempre” muito populares atualmente. As histórias da Disney com o mesmo título de contos de fadas mais antigos são mais longas e moderadas, com músicas e finais felizes previsíveis. Por outro lado, contos de fada característicos dos séculos 17 e 18 podem ser extremamente brutais e até mesmo terminar com a morte do personagem principal. As adaptações mais recentes elaboraram formas de resgatar os personagens principais, com os heróis frequentemente retirados vivos da barriga do lobo mau. Algumas poucas adaptações da década

passada começaram a questionar a caracterização dos lobos como perversos nos contos de fada.

Contos de fada tradicionalmente retratam o lobo como um ogro, assim como nas fábulas, mas nos contos ele assume um caráter mais sinistro e ameaçador. Com mais humanos em contos de fadas do que nas fábulas, lobos se tornaram inimigos das pessoas em especial, em vez de predadores do rebanho. Até nos contos em que lobos enfrentam outros animais, os animais são civilizados e vivem tal qual as pessoas. O lobo surge da floresta e invade casas e seus habitantes — sejam eles cabras, porquinhos ou avós. Ele não é mais um mero ladrão de ovelhas no campo; o lobo é agora um intruso nos lugares mais privados da casa, até tomando o lugar da avó em sua própria cama. Nos contos de fada, o lobo é uma fera pessoalmente ameaçadora.

Embora autores de contos de fadas, assim como fabulistas, escrevam primeiramente para um público infantojuvenil, suas criações partem de uma experiência adulta. Assim, elementos do imaginário adulto se tornam parte de histórias para crianças, e os dois tipos de contos podem ser mais complexos do que aparentam à primeira vista. As possíveis conotações sexuais em *Chapeuzinho Vermelho* exemplificam essa complexidade oculta. Outro ponto importante é que as crianças a quem foram contadas as histórias raramente reavaliam as impressões infantis criadas sobre elas quando atingem a idade adulta. Nos contos de fada

são criadas impressões extremamente negativas sobre lobos e imagens como a do “Grande Lobo Mau”, por exemplo, podem permanecer no inconsciente de qualquer um que ouviu o conto *Os Três Porquinhos* quando criança.

Um dos contos de fada mais conhecidos, *Os Três Porquinhos* e o inimigo deles, o Lobo Mau, são familiares a quase todos que conhecem contos de fada. Na história, cada um dos três porcos se aventura, sozinho, a construir uma casa segura contra o Lobo Mau. O primeiro constrói uma casa de palha; o segundo, uma de madeira; e o terceiro uma casa de tijolos. O lobo “assoprou e assoprou” e derrubou as duas primeiras casas, devorando seus moradores. Ele não consegue destruir a casa de tijolos, em vez disso, é enganado pelo terceiro porquinho e cozinhado até a morte. A intenção da história é muito provavelmente ensinar sobre estar bem preparado, mas o efeito secundário é o encorajamento do medo de lobos. A expressão “Grande Lobo Mau” tem uma posição consolidada no vocabulário da língua inglesa<sup>1</sup> — em detrimento dos lobos.

*Pedro e o lobo* é um conto único, pois traz um contraste ao lobo do conto de fada tradicional. Escrito e musicado pelo compositor russo Sergei Prokofiev para apresentar a orquestra às crianças, é uma das sinfonias infantis mais bem sucedidas. Cada instrumento representa um personagem diferente, com o jovem Pedro como o violino e o lobo sendo representado por uma trompa. Pedro, contra os alertas

do avô, se aventura para além do portão no campo no prado perigoso onde ele e seus amigos animais encontram um lobo. O lobo pega devora um deles. Então Pedro, corajosamente, captura o lobo pelo rabo e insiste em levá-lo ao zoológico em vez de ser morto por caçadores. Mesmo o lobo ainda sendo retratado como a verdadeira ameaça da selva, ele se torna mais amigável que o normal nesse conto musical. Nessa história oriental, o lobo não apresenta as cruéis qualidades humanas como uma criatura falante e antropomórfica. Em vez disso, o lobo é um animal selvagem da floresta por quem o garoto mostra compaixão. Temas parecidos aparecem na literatura ocidental com *O livro da selva*, de Rudyard Kipling, onde é descrita a vida social da alcateia de lobos. Essa visão mais realista dos lobos na literatura é revisitada em outro conto do livro.

Talvez o menos conhecido dos contos de fada com lobos seja *O lobo e os sete cabritinhos*, onde o lobo novamente é o predador astuto e malvado, sempre à espreita do outro lado da porta. O lobo vilão tenta ganhar acesso à casa dos cabritos imitando a mamãe cabra enquanto ela está longe. Os sete filhotes pedem para que o lobo prove mostrando os cascos brancos na janela, algo que ele faz depois de cobrir as patas de farinha de trigo. Os filhotes acreditam e o deixam entrar, apenas para serem devorados pelo lobo. Apenas o mais novo escapa e conta à mãe o que aconteceu. Ela e o caçador descobrem o lobo dormindo perto de

um riacho, eles abrem a barriga do lobo para libertar os cabritos, colocando pedras no lugar deles. As pedras pesam tanto que o lobo se afoga no riacho ao acordar. O uso das pedras, que é repetido em algumas versões de *Chapeuzinho Vermelho*, revive o uso mítico das pedras nos bestiários. No bestiário de T. H. White, um homem poderia fazer um lobo perder sua “coragem e convicções” e fugir se batesse duas pedras juntas, pois isso “reverberava os santos de Deus”. Pedras representavam os “apóstolos e outros santos de Nosso Senhor” desde que “todos os profetas foram chamados de pedras de diamante”(60). O lobo dos contos de fada certamente possui qualidades perversas.

A história de Chapeuzinho Vermelho primeiramente apareceu nas *Histoires ou Conte du temps passé*, de Perrault, em 1697, e em inglês apareceu em 1729 (Opie, 93). A versão original se parece com uma lição brutal sobre as consequências de um eventual atraso, culminando com o “perverso Lobo” devorando Chapeuzinho Vermelho. Na versão de Jacob e Wilhelm Grimm, o lobo come a heroína e depois cai no sono. Ele ronca tão alto que atrai o caçador, que abre sua barriga e encontra a menina e a avó ainda vivas lá dentro. Então as substitui por pedras. O lobo cai morto com o peso das pedras. A moral final da história é “Nunca mais em sua vida perambule sozinha no caminho da floresta se sua mãe disser para não fazê-lo”. A simplicidade dessa lição valiosa contribuiu para a popularidade do con-

to, mas o conto também contribuiu para a percepção negativa de lobos expressada por Charles Dickens quando ele, de forma bem humorada, apontou Chapeuzinho Vermelho como seu primeiro amor. Ele disse que desprezava “a crueldade e deslealdade daquele lobo dissimulado que a devorou, depois de ter feito aquela piada infeliz sobre seus dentes” (Opie, 93).

O lobo das fábulas pode ser visto como representante de observações da mente consciente enquanto o lobo dos contos de fada, em análise recente, passa a representar as fantasias do pensamento inconsciente (Lopes, 251). Psicanalistas modernos nunca prestaram muita atenção no possível tom sexual que perpassa *Chapeuzinho Vermelho*, onde o lobo representa o predador sexual da jovem donzela. De acordo com algumas teorias, a cor vermelha do capuz representa a menstruação, a maturidade sexual da mulher. Ela é punida por deixar o caminho da virtude. Fromm sugere que ao devorar a menina o lobo representa seu desejo de incorporar a fêmea e ter seres vivos dentro de seu próprio ventre. Então, ele é morto com pedras em sua barriga, o que representa a esterilidade (Rowland, 166-7).

Autores modernos usaram a narrativa para criar literatura adulta com temas femininos como *The Company of Wolves* (A Companhia dos Lobos), de Angela Carter. Bruno Bettelheim explica em *Psicanálise dos Contos de Fada* que a garotinha enfrenta duas personalidades masculinas: o

Id, representado pelo lobo, e o ego, na identidade do caçador (Lopez, 266). A falta de consenso entre essas duas tende a diminuir a influência de ambas.

Outros veem o conto como uma cena de sedução, mas Lopez sugere outra metáfora. As ações tomadas pelos caçadores contra os lobos nos contos de fada são tão violentas e socialmente aceitáveis quanto as ações dos pecuaristas e pastores de ovelhas contra lobos predadores — que são vistas como uma vingança pelo gado que o lobo matou. Meninas fazem o papel de ovelhas e vacas enquanto o lobo representa o predador, ou mesmo um predador sexual de natureza animal (Lopez, 266). Iona e Peter Opie apontam que é “improvável” que o termo “lobo” para descrever a masculinidade predatória tenha se originado em *Chapeuzinho Vermelho* como alguns sugeriram, pois esse significado específico ainda não existia nos Estados Unidos antes dos anos 1930 (94).

Como descrito anteriormente no capítulo um, “lobo” também foi usado na literatura para descrever mulheres sedutoras. Os bestiários explicam que prostitutas são chamadas de lobas porque também são destruidoras e vorazmente “devastam as posses de seus amantes” (White, 56). Lupa significava tanto “loba” quanto “prostituta” (Rowland, 164). A conexão era tão predominante na Roma antiga que o Templo Lupercal se tornou um bordel. Na era Elizabetana, Topsell questionou se Rômulo e Remo tinham mes-

mo sido criados por uma loba, sugerindo que a mãe era na verdade uma meretriz (Rowland, 164). Boccaccio traz duas metáforas de lobo juntas em Dia III do *Decamerão* quando Nefile se refere aos membros do grupo como “ovelhas” e Filostrato mantém que, devido à suas narrativas lascivas, elas se comportaram mesmo como “lobas” (Brownlee, 262).

Mesmo que autores adultos possam ter inconscientemente injetado detalhes psicológicos complexos na literatura infantil como os contos de fada, as crianças ainda são os principais consumidores dessas histórias. Eles primeiro entendem que lobos são simplesmente “lobos maus” dos contos de fada da juventude, independentemente de qualquer possível presença de temas maduros. Ainda mais importante é o fato de que os pequenos leitores ou ouvintes percebem nos contos de fada que lobos são feras perversas que atacam pessoas. Crianças chegam à idade adulta com as mesmas percepções, praticamente inalteradas pelas reinterpretações adultas. Através desse processo, contos de fada ajudam a criar muito desse ódio e medo relacionado aos lobos.

Nos últimos anos, algumas histórias clássicas infantis foram reescritas para reverter os papéis tradicionais dos lobos, mas no final, todos eles servem para reafirmar as noções antigas. Um livro chamado *The Three Little Wolves and the Big Bad Pig*, 1993, de Eugene Travizas reconta o

clássico com um porco como vilão. Essa tendência não é incomum. Joseph Robinette escreveu sobre uma reavaliação do lobo em *The Trial of the Big Bad Wolf*, onde o lobo mal interpretado é vingado. James Thurber também recontou contos de fada em 1930. O mais famoso é *Chapéuzinho Vermelho* onde a menina salva a si mesma ao sacar uma arma que escondia em sua cesta. Essas reinterpretações questionam as caracterizações tradicionais, mas a percepção mais comum ainda é a do lobo como um monstro. Na verdade, é de seus papéis absurdos invertidos que as histórias recentes obtêm seu interesse e humor. Eles testemunham a permanência e a popularidade da má reputação dos lobos.

# **CAPÍTULO 4: A EXPLICAÇÃO DA DEMONIZAÇÃO DOS LOBOS**

É evidente que os lobos têm sido sempre apontados como vilões e laráprios na literatura. O que não é tão óbvio é a razão pela qual a cultura ocidental associou ao lobo as qualidades negativas com tanta consistência e persistência. Foram feitas inúmeras especulações, mas nenhuma teoria explica totalmente a psicologia humana por trás do medo e das superstições relacionadas aos lobos. A imagem negativa geral do lobo tem associações específicas que co-evoluíram com um tema cultural predominante em um período específico. Como podemos constatar em uma visão geral histórica, os receios da sociedade ditaram o modo como os lobos foram retratados na literatura, o que levou à representação deles como uma força contrária aos objetivos humanos.

A literatura não mostra o lobo como um mero predador natural. Mais que ladrões de rebanhos, os lobos tornaram-se símbolos dos medos humanos mais intangíveis. Eles foram associados ao demônio nos bestiários medievais e até à imortalidade nas histórias do monge-lobo. Lobos foram vinculados à fome por Shakespeare ou aos perigos da na-

tureza selvagem em contos de fadas, como em *Chapeuzinho Vermelho* e *Pedro e o Lobo*. Outra associação do lobo como representante da natureza selvagem surgiu na cultura americana, quando os lobos se tornaram símbolos de uma barreira ao progresso. Qualidades humanas bestiais foram representadas na forma animal em histórias de lobisomens, enquanto os lobos das fábulas representavam defeitos humanos menos sinistros. É importante estabelecer o que criou e suportou a noção do lobo como uma força nefasta e maligna. Ao passo que os humanos passaram a domesticar animais, deslocavam animais selvagens, e os lobos passaram a ser predadores dos rebanhos. Eles se tornaram ameaças reais aos interesses econômicos dos fazendeiros e assim começou a rivalidade entre homem e lobo.

Essa é a melhor justificativa para a perseguição aos lobos, pois baseia-se em uma legítima ameaça. Ela se assemelha muito à caracterização de um vulcão ou uma tempestade como uma figura mitológica de natureza maligna. Conforme explica Barry Lopez em *Of Wolves and Men (De lobos e homens)*, o papel do lobo como inimigo dos pastores não é suficiente para explicar a grande quantidade de literatura anti-lobos (p. 139). As raízes do medo e do ódio à fera são a preocupação com a segurança dos animais domésticos, mas a fundamentação completa jaz nas profundezas psicológicas do homem.

Nossa visão geral histórica mostrou o importante papel do lobo na literatura religiosa, popularizada sob a forte influência da igreja medieval. A igreja católica usou a imagem do lobo como o demônio que espreita o rebanho cristão no mundo real para conferir a ele uma presença física na terra (Lopez, p. 208). Uma imagem do lobo na literatura medieval que surgiu desse tipo de pensamento foi a do herege. Durante a Inquisição, a heresia tornou-se a principal inimiga dos objetivos da igreja e ela só poderia ser extirpada pela destruição de bruxas, feiticeiros e lobisomens. Assim, lobos e lobisomens passaram a representar os hereges, e aqueles acusados de licantria eram geralmente queimados pela Inquisição. O simples fato de não acreditar na existência de lobisomens como encarnação do demônio já fazia da pessoa um herege. Uma obra literária defendeu a perseguição dos lobos feita pela igreja como um ato sagrado contra o mal: o *Malleus Maleficarum* (*O martelo das Bruxas*), publicado em 1487, tentou provar que os lobisomens existiam como agentes do demônio (Lopez, pp. 238–9).

O lobo foi escolhido por ser o animal mais odiado pelo homem, e as associações do lobo ao demônio apenas serviram para intensificar esse medo. A ideia de que homens se transformavam em lobos para fazer o trabalho do demônio demonstra como o lobo se tornou um símbolo da natureza bestial do homem. A destruição do lobo ou do lobiso-

mem libertaria o homem de seus pecados, e os lobos eram de fato mortos na literatura e no mundo real. Lopez sugere que a projeção das qualidades bestiais dos humanos no animal representa uma espécie de ódio próprio pela selvageria e luxúria da humanidade (p. 227). Domar a natureza bestial do homem era o papel da Igreja, como foi representado na história alegórica do *Lobo de Gubbio* (Klingender, p. 456). O lobo dessa história, associado aos hereges e outros pecadores, colocou a pata na mão de São Francisco de Assis prometendo nunca mais perturbar os homens e os animais em troca de uma vida pacata no interior dos muros da cidade. O lobo é retratado como uma fera devoradora antes de sua transformação religiosa, simbolizando a natureza bestial do homem redimida pelo santo. Assim como São Francisco converte o lobo selvagem, a igreja também poderia mudar as tendências indomáveis e bestiais do homem.

Conforme descrito por Kennerly em *Hesitant Wolf and Scrupulous Fox (O lobo hesitante e a raposa escrupulosa)*, os lobos das fábulas são animais muito parecidos aos humanos, embora sejam, ao mesmo tempo, os animais menos amados por eles (p. 6). Mais uma vez, assim como na literatura religiosa, isso representa o ódio do homem por seus próprios instintos bestiais. Essa lógica foi chamada de *theriophobia*, o medo do animal interior. Em um estudo sobre o debate filosófico acerca da natureza da alma dos animais, chamado *The Dolphin Papers (Os autos dos golfi-*

*nhos*], John Redman descreveu algumas das noções populares de medo do animal e oferece o “ambicioso potencial nas lendas de homens que se transformam em lobos ferozes” como um exemplo do homem projetando seu medo e ódio próprios nos animais (p. 17). Redman explica que a fonte da theriophobia é o “medo de si mesmo, e seu principal mecanismo é a projeção”. A theriophobia é comum no pensamento ocidental e é definida por Hobbes como o estado da natureza em que “o homem é o lobo do homem”. A consequência desse medo foi a aniquilação dos animais e dos homens bestiais “executada como parte da guerra de Deus contra Satanás. Os comportamentos associados aos traços das feras ou animais são, na verdade, inteiramente humanos por natureza e não relacionados ao mundo animal. Por exemplo, a ganância insaciável, a luxúria e a crueldade são qualidades brutas não encontrados nos animais; por outro lado, são muito comuns aos humanos” (Redman, p. 20).

As qualidades humanas eram projetadas nos animais em julgamentos legais e na literatura filosófica europeia dos séculos 17 e 18. Muitos animais foram processados criminalmente durante aquela época, incluindo porcos assassinos que se pensava estarem possuídos por demônios e cães declarados culpados por roubo. Enxames de moscas declaradas culpadas por importunar fiéis foram excomungadas. Outras punições incluíam diversos tipos de tortura,

e a execução de animais também era comum (Evans, pp. 235–46). Os animais domésticos eram considerados naturalmente bons, já os lobos eram maus por natureza. Na idade média, era popular distinguir entre *beastes dulce*, os “animais dóceis” que serviam ao homem, e *beastes puantes*, os “animais repulsivos” que sustentaram a noção de que era correto matar os lobos, por exemplo (Lopez, p. 146). A popular caracterização dos lobos como covardes nos bestiários e fábulas associava a matança dos lobos a uma correção das imperfeições da natureza. Lopez ressalta que a percepção de que os lobos matavam animais “indefesos”, como ovelhas e cervos, deu motivos para exterminá-los para proteger os animais fracos e dóceis (p. 148).

Redman relata que a quantidade de literatura da época relacionada à contemplação da alma animal sugere que essa era uma questão importante no pensamento francês dos séculos 17 e 18 (pp. 18–19). O tema também era assunto de debate popular em toda a Europa, com diversas opiniões divergentes. A popularidade de uma filosofia específica causou um forte impacto sobre os animais, incluindo os lobos. Matar um lobo poderia ser considerado moralmente certo ou errado, dependendo se o animal possuísse alma ou não. A filosofia predominante afetou a probabilidade de os homens matarem lobos tanto na literatura quanto na vida real. Infelizmente para os lobos, uma abordagem mais simpática ou mais “theriofílica” para com os animais era “em grande

parte ausente na era cristã” (Redman, p. 19). Esse pensamento ganhou notoriedade novamente na Renascença, nos escritos de Montaigne e no Iluminismo, com Hume e Rousseau. Esses filósofos pensavam que confiar mais nos instintos naturais que nos do homem e assim divergir do caminho da lei natural de Deus para um caminho inferior, era mais moral (Redman, p. 19). Em uma linha diferente, São Tomás de Aquino acreditava que as criaturas não passavam de meras ferramentas do demônio “atizadas pelos poderes do inferno” (Redman, p. 21). René Descartes declarou que os animais foram colocados na terra para serem usados pelo homem como máquinas irracionais e insensíveis. Acreditar que os animais estivessem no mesmo patamar do homem ameaçava a fé como uma imoralidade cristã, por isso a rígida distinção entre homens e animais feita por Descartes afirmava a crença do homem na existência de Deus (p. 22). Essa dessensibilização da natureza eliminava qualquer comedimento moral ao matar animais, principalmente lobos. O fabulista Jean de la Fontaine não concordava com a imagem que Descartes fazia dos lobos como máquinas ferozes. Isso ficou evidente em suas fábulas, que retrataram os lobos positivamente e que conferiram a eles alma e pensamento racional (Lopez, p. 258). Segundo Lopez, esse tipo de pensamento era raro, e os temas discutidos por Descartes ainda têm impacto no entendimento do homem sobre a natureza,

incentivando uma abordagem irresponsável às máquinas da natureza.

Outra imagem importante associada aos lobos é a da “natureza selvagem desoladora”. A natureza selvagem foi descrita como uma ameaça secular — e vazia — ao cristianismo. O lobo existe na fronteira entre a civilização e a natureza selvagem, tanto na vida real quanto na literatura. Ele habita a floresta no entorno da casa de Chapeuzinho Vermelho e mora logo no começo do bosque em *Pedro e o Lobo*. Os deuses gregos mais associados com lobos são Ares, associado às terras entre a floresta e os campos, e Apolo, que tinha conexões com o crepúsculo, o limite temporal entre a luz e a escuridão (Lopez, 209). Espreitando entre a natureza selvagem e a civilização, o lobo está na divisa entre as qualidades bestiais e “humanas” do homem. Essa relação se reflete na imagem popular do lobisomem como metade homem, metade animal.

Essas noções europeias foram levadas para a natureza selvagem americana e criaram uma situação singular que culminou na eliminação dos lobos pelo governo, fazendeiros e caçadores de recompensas na segunda metade do século 19. Nash oferece algumas percepções sobre o assunto em seu livro, *Wilderness and the American Mind* (A Natureza Selvagem e a Mentalidade Americana,. Nele, o autor descreve a natureza selvagem como oposta ao paraíso cristão. As feras profanas da natureza selvagem em *Beowulf* re-

presentam os perigos da natureza selvagem e provocaram o medo das ameaças desconhecidas das florestas sombrias (p. 12). Mais tarde, esses medos recaíram sobre os lobos, representantes da natureza selvagem. O cristianismo medieval conectou a natureza selvagem a um lugar sem Deus. Em um sentido literal, os esforços dos missionários eram considerados bem-sucedidos quando os bosques selvagens onde se realizavam rituais pagãos eram destruídos. De maneira geral, os perigos eram inerentes à natureza selvagem da mesma forma que o pecado era inerente ao mundo material. Buscar por Deus e limpar o mundo dos males do pecado levaria o indivíduo ao paraíso (Nash, pp. 17-18).

Alexis de Tocqueville comentou sobre a atitude americana com relação à natureza selvagem em uma viagem em 1831. Ele contou que a única preocupação dos americanos era de “atravessar os territórios inóspitos, drenar os pântanos, desviar o curso dos rios, povoar os locais isolados e subjugar a natureza” (Nash, p. 23). A destruição dos lobos acabou sendo parte dessa subjugação da natureza selvagem. Quando William Bradford desembarcou do *Mayflower* em um “território selvagem horrível e desolador”, ele ajudou a criar o que Nash chama de “ódio desafiador” pela natureza selvagem da América naquela época, e esse sentimento persiste até hoje (p. 24). A natureza selvagem era uma barreira física e simbólica da escuridão moral para os pioneiros americanos. Cotton Mather e Nathaniel

Hawthorne expressaram e contribuíram para a impressão da natureza selvagem como um lugar anticristão. Hawthorne criou uma natureza selvagem “escura” e “desoladora”, com referências a imagens aterrorizantes do demônio nesse ambiente. Em *A Letra Escarlate*, Hester Prynne perambula pela “natureza selvagem moral” de Salem, onde a floresta representa a tentação para o mal (Nash, p. 40).

Havia um medo real, embora exagerado, dos lobos naquela época, e isso foi usado para amedrontar cristãos e controlar seu comportamento como bons devotos. O líder puritano Cotton Mather advertiu que “os lobos da floresta ao anoitecer, uivantes e ferozes, levarão [...] o caos até vocês e não deixarão seus ossos até o amanhecer” (p. 29). A civilização do território inóspito foi vista como evidência da bênção de Deus. Entende-se que a expansão para o oeste seria aclamada pelos puritanos como uma de suas maiores conquistas. Eles transformaram as “horríveis matas” onde “lobos e ursos cuidam de seus filhotes” em cidades cristãs habitáveis (p. 37). Os autores puritanos celebravam que Deus “ficou satisfeito em transformar um dos territórios selvagens mais odiosos e indômitos do mundo [...] em uma comunidade ordenada” (p. 37). As referências específicas aos lobos sempre os descreveram como agentes da natureza selvagem. Acreditava-se que o progresso por todo o país, que acarretou na aniquilação do habitat dos lobos, estava de acordo com a vontade de Deus. Nash descreve a situação da

seguinte forma: “na moralidade da expansão para o oeste, a natureza selvagem era a vilã, e o pioneiro, um herói em regozijo por seu rastro de destruição” (p. 24). Isso também poderia descrever as atitudes de mercenários caçadores de lobos.

Essas noções são remanescentes de séculos de medo e folclore europeus concebidas sobre os lobos, e que talvez possam ser traçadas da memória primitiva do homem em suas origens na natureza selvagem. Esse ambiente formou uma barreira contra a prosperidade, o progresso e a santidade até o século 19, quando a doutrina do destino manifesto americano deixou claro que o “progresso é divino”, nas palavras de um dos defensores da conquista do oeste. Mais tarde, os americanos perpetuaram a percepção de natureza selvagem e a projetaram nos lobos com campanhas devastadoras de extermínio desses animais nos séculos 19 e 20. Theodore Roosevelt expressou os sentimentos da nação ao falar sobre a predação dos lobos e a ameaça que representavam ao progresso ao chamá-los de “escória e ruína” (Lopez, p. 142). Nash e Lopez concordam que o preconceito contra a natureza selvagem e seu representante, o lobo, seguiram influenciando a opinião americana. Apenas recentemente essa percepção começou a mudar.

# CAPÍTULO 5: A CONEXÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE

Os capítulos anteriores examinaram o papel do lobo na literatura ocidental, encontrando muitas percepções humanas profundas e duradouras sobre esses animais. A comparação desses trabalhos com a literatura científica compilada através da observação da natureza revela poucas semelhanças. Mesmo depois que o estudo científico se desenvolveu e a zoologia começou a ser estudada como um ramo da ciência, os personagens lupinos da cultura popular permaneceram presos ao mito da ficção. Apenas recentemente a literatura ocidental reconheceu o valor de retratar os lobos como animais no mundo natural. Histórias modernas de lobos, como as de Jack London e filmes como *Dança com Lobos*, os retratam de maneira mais realista em seus ambientes naturais.

Certos elementos literários ganharam um lugar na compreensão zoológica dos lobos, enquanto alguns científicos agora são observados na literatura. Por exemplo, um remanescente do mito grego sobrevive na classificação de uma subespécie de lobos. O personagem mitológico Lycaon emprestou seu nome ao nome científico do eastern timber wolf, *Canis lupus lycaon*. As discussões de Descartes

sobre a alma dos animais talvez tenham contribuído para um desrespeito moderno mecanicista e científico para com os animais (Lopez, 258). A associação comum do lobo com a fronteira entre a floresta selvagem e as cidades atesta a realidade da perda de habitat dos animais. Como a civilização humana afetou a distribuição e os hábitos alimentares dos lobos, matando suas presas naturais e substituindo a mata por fazendas, os lobos foram forçados a invadir as áreas povoadas (Lopez, 14).

Embora o objetivo principal dos bestiários fosse ensinar lições cristãs — e não descrever o comportamento animal —, há evidências de que eles representavam observações naturais em algum grau. Por exemplo, o texto que cita Solinus frequentemente descreve com precisão a aparência e o comportamento dos lobos (George & Yapp, 50). O bestiário traduzido por T. H. White observa que os lobos só acasalam doze dias por ano, e de fato a fêmea lobo entra em cio apenas uma vez por ano, que geralmente dura de cinco a sete dias, entre fevereiro e março (Busch, 66). O bestiário também afirma que as fêmeas não dão à luz em nenhum outro mês exceto maio, e que os filhotes nascem comumente em abril ou maio. Em *Historia Animalium*, Aristóteles registrou que o período de gestação do lobo durava de 59 a 63 dias, e os cientistas sabem que normalmente dura 63 dias. Pode ter havido alguma base zoológica para a associação de lobos com prostitutas, de acordo com o *Animals with*

*Human Faces*, de Rowland (165). Além disso, o texto menciona o *Ethiopian lupus*, um lobo multicolorido e com uma crina semelhante à do lobo-guará, que se encaixa na descrição da hiena-riscada do norte da África (George Yapp, 51).

Tentativas honestas de entender os animais do ponto de vista da aprendizagem, e não da educação moral, começaram no século 16, mas a zoologia não se tornou um ramo de estudo independente até os séculos 18 e 19. Ela divergiu do mito depois que Francis Bacon tornou públicas suas ideias sobre o método científico no século 16. Com o sistema de classificação de Carlos Lineu, as teorias de evolução de Charles Darwin, e os desenhos científicos de aves de James Audubon, a maioria dos animais começou a ser entendida através da ciência da história natural (Lopez, 223). Os lobos apenas obtiveram suas descrições com realidade científica na década de 1940, e mesmo estas eram uma mistura de realidade e folclore (Lopez, 224).

Pesquisas literárias seguiram lentamente a tendência de uma retratação mais precisa dos lobos. Os livros *The Call of the Wild* (*O Chamado da Selva*) e *White Fang* (*Caninos Brancos*), de Jack London significaram uma grande mudança na atitude ocidental em relação aos lobos. A alcateia, que não foi descrita pelos bestiários pseudocientíficos, tem lugar em *The Jungle Book* (*O Livro da Selva*), de Rudyard Kipling, escrito em 1894. A obra apresenta o menino Mowgli, que foi adotado por lobos, descrito favoravelmente co-

mo um membro do “Povo Livre” (Busch, 90). Essa história tem alguma semelhança com o mito de Rômulo e Remo, que foram amamentados e criados por uma loba. Essas histórias oferecem uma representação mais benevolente e precisa dos lobos do que a maioria da literatura tradicional. O corpo da literatura dos nativos americanos e a tradição oral frequentemente representam o lobo como detentor de um entendimento maior. Os traços admirados por uma sociedade caçadora como os índios cheyenne derivavam grande respeito pelos lobos, enquanto esses mesmos traços faziam com que os europeus, que praticavam pecuária ou viviam em cidades, os odiassem (Lopez, 233).

Em geral, foi apenas nas últimas duas décadas que os humanos se tornaram mais tolerantes aos predadores e seu lugar de direito nos sistemas ecológicos, de acordo com Robert Busch (85). *Dances with Wolves (Dança com Lobos)* é um exemplo da nova atitude em relação aos lobos que surgiu na recente cultura cinematográfica norte-americana. O herói deixa a sociedade dos pioneiros americanos por uma tribo indígena e muitas de suas conexões positivas com lobos se apropriam da tradição nativo-americana. A estreita relação do herói com o lobo Duas Meias demonstra e esclarece a atitude em relação aos animais e ao território selvagem. O filme de 1992 ilustra uma grande mudança nas noções populares do lobo. Peter Coates afirma que o valor do lobo reside no seu simbolismo do ermo e que a sua mu-

dança na “mente euro-americana, do mais odiado e temido de todos os animais selvagens para um membro valioso e íntegro da comunidade natural, é uma das mais radicais mudanças de status sofridas por qualquer animal” (241).

Embora tenha havido verdades em algumas de suas caracterizações, muitos dos comportamentos naturais dos lobos são deixados sem explicação e sub-representados na literatura e, portanto, na mente humana. O folclore e a literatura ocidentais confundiram a linha que separava o lobo voraz das fábulas e contos de fadas do lobo na floresta do mundo natural, até que o Lobo Mau e o lobo selvagem se tornaram uma mesma criatura na mente do leitor. Consequentemente, o sofrimento dos lobos perdeu sua importância nessa atmosfera de medo e preconceito. Em um debate do Senado dos EUA, em 1930, sobre um programa de dez milhões de dólares para extermínio dos lobos — que foi assinado em 1931 —, um senador descreve a maneira como os lobos pegam suas presas como “a coisa mais bárbara que se possa imaginar” e o programa foi “uma forma de vingança” (Lopez, 148-9). Essas imagens negativas pesaram muito para a sobrevivência dos lobos.

Os lobos foram muito criticados pelo simbolismo que os rodeia na literatura ocidental. O autor e naturalista Robert Busch diz: “provavelmente nenhum outro animal na história sofreu tanto com hostilidade descabida quanto o lobo” (85). Essa é a impressão que os grupos de conservação

agora precisam combater. Na literatura da organização Defenders of Wildlife, que trabalha pela preservação do lobo, os autores incluem afirmações como “Lobos não são assassinos de crianças” e que são “animais lutando para manter seu lugar no mundo”. O grupo reconhece que “provavelmente nenhum outro animal foi tão maltratado e incompreendido como o belo e majestoso lobo”. Com a conscientização ambiental iniciou-se um movimento recente de entender o lobo como um representante positivo do mundo selvagem, e a visão moderna dos lobos é mais esclarecida e mais alinhada com a representação dos nativos americanos. No entanto, as antigas imagens da fera da literatura ocidental não foram apagadas.

# BIBLIOGRAFIA

- Brownlee, Marina Scordilis. "Wolves and Sheep: Symmetrical Undennining in Day III of the Decameron." *Romance Notes* 24:3 Spring (1984): 262-266.
- Busch, Robert H. *The Wolf Almanac*. New York: Lyons Press, 1995.
- Coates, Peter. *Chances with Wolves: Renaturing Western History*. *Journal of American Studies* 28:2 (1994): 241-254.
- Dodsley, Robert, ed. *Selected Fables of Esop and other Fabulists*. (Reprint of the 1781 ed. printed for 1. Dodsley, London.) New York: AMS Press, 1976.
- Evans, E.P. *Bugs and Beasts before the Law*. *Atlantic Monthly* 54 August (1884): 235-246.
- Friedmann, Herbert. *A Bestiary for Saint Jerome: Animal Symbolism in European Religious Art*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1980.
- George, Wilma, and Brunsdon Yapp. *The Naming of the Beasts: Natural history in the medieval bestiary*. London: Duckworth & Co, 1991.
- Kennerly, Karen, ed. *Hesitant Wolf and Scrupulous Fox: Fables Selected from World Literature*. New York: Random House, 1973.
- Klingender, Francis. *Animals in Art and Thought to the End of the Middle Ages*. Cambridge: M.L.T. Press, 1971.

Lopez, Barry H. *Of Wolves and Men*. New York: Simon & Schuster, 1978.

McColloch, Florence. *Mediaeval Latin and French Bestiaries*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1960.

Nash, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1967.

Noel, Thomas. *Theories of the Fable in the Eighteenth Century*. New York: Columbia University Press, 1975.

Opie, Iona & Peter. *The Classic Fairy Tales*. New York: Oxford University Press, 1974.

Richardson, Samuel, ed. *Aesop's Fables*, 1740. (Reprint of the 1740? ed. published by J. F. and C. Rivington, London.) New York: Garland Publishing, 1975.

Rodman, John. *The Dolphin Papers*. *The North American Review* Spring 1974: 13- 26.

Rowland, Beryl. *Animals with Human Faces: A guide to Animal Symbolism*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1973.

White, T. H. *The Book of the Beasts: Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century*. London: W. S. Cowell Ltd, 1969.

Ziolkowski, Jan M. *Talking Animals: Medieval Latin Beast Poetry, 750-1150*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.

# NOTAS

1. Da tradução de José Francisco Botelho para a Penguin.  
**(retornar)**

# **Wolves in Western Literature**

Lisa Jesse

# INTRODUCTION

*Canis lupus* has been much maligned in the literary tradition of the West much to the detriment of the animal's survival. Superstition and fear have created a fictional beast which consistently plays the villain in European stories. According to author Beryl Rowland: "The antiquity and continuity of the belief establishes the eminence of the wolf as a universal baleful beast and helps to account for the persistence of its pejorative symbolism" (162). This paper attempts to justify this statement by showing that continuity with evidence of continuing derisive representation of wolves through analysis of various forms of European literature in which the wolf has played a major part. Though the scope is limited to a Western context, much Eastern and especially Russian literature seems to concur with western opinions.

The first chapter, an Historical Overview, is a broad survey of the presence of wolves in Western myth, religion, and folklore. The major discussion of specific wolf characterizations is limited to two particular classes of literature in the next two chapters. The more detailed analysis of the role of wolves in fable and fairy tale uncovers a persistent image of wolves as ravenous, devilish, and greedy beasts with a tendency towards corruption and thievery. The-

se classes of literature were selected because they contain the works which are still well-recognized today and have presumably the greatest impact on our present-day notions of the wolf. They relate the use of the wolf in these stories to those that preceded them and also determine what their greatest influences were on later literature and on the European mind. The fables demonstrate the continuity in the most enduring Western characterizations of the wolf while the fairy tales show how humans manifested their fears of wolves through children's stories.

There is a section exploring some of the psychology behind human characterizations of the animals to discover why certain persistent images have been formed and maintained. One likely explanation for the hatred of wolves is a fear of the beastly qualities in humans which are then projected onto the animal. This practice was evident in the medieval Christian church's associations of wolves with devils and persecution of so-called werewolves. Another association which had significant effects on the survival of wolves was that of the wolf as a representative of an unchristian wilderness. In America before the nineteenth century, progress was equated with the conquering of wilderness, and this was translated to the destruction of wolves -- animals of the wilderness. Extermination campaigns and wolf bounty hunters decimated populations in many areas of the country. The final chapter makes connections between the

literature and more modern impressions of the wolf to discover how past images influence present ones. It questions whether some of the literary descriptions are justified by known behavior of wolves. Finally, the paper investigates changes in the most recent literature which takes a more sympathetic, and more scientifically accurate, approach towards wolves.

# I. HISTORICAL OVERVIEW

Storytellers, fabulists, and authors have employed the figure of the wolf in their tales for thousands of years. The wolf's reputation as a ravaging beast was constructed in European stories, fables, tales, and myths dating from before Christ. The greatest deviations from the literature's consistent rendering of wolf characteristics appear primarily in the earliest images of the wolf. Sometimes contradictory in their characterizations, the early legends depict the wolf as a nurturing maternal figure and a giver of life in some stories while a bloodthirsty beast of prey in others. The legendary founders of Rome, Romulus and Remus, were suckled by a she-wolf in Plutarch's popular A.D. 70 version of the ancient legend that dates to the fourth century B.C. Also, many Native American belief places the wolf in a position of reverence and respect. The Nez Perces, for example, believed the wolf to be the ancestor of the human race (Rowland, 161). The wolf of the great majority of literature, however, differs greatly from this first nurturing figure as the contradictory characterizations resolved themselves.

A largely uniform characterization of the wolf as a symbol of rapacity and greed eventually formed as the wolf began to appear regularly in different forms of Western literature. The negative images have endured until today. The

following sections briefly chronicle the wolfs' presence in legends and literature from early mythology through fairy tales and fables of the nineteenth and twentieth centuries. Early Greek and other world legends did begin with conflicting opinions of wolves, but the fables and bestiaries followed by werewolf legends and fairy tales formed a solid literary consensus on the nature of the wolf. Thus, a recognizable picture of the wolf as a beast of destruction and greed emerged from common and consistent representations in literary works from antiquity until recent times.

## EARLY WESTERN MYTHOLOGY & LEGEND

Greek, Egyptian, Celtic, and Norse legends often included the wolf figure as a symbol power and destruction, but, as the wolf played many parts in these myths -- from noble gods to fierce enemies and helpless victims of gods, no clear consensus concerning the nature of the wolf as either good or evil emerges from these stories. In Greek myth, the wolf was associated with both Apollo and Zeus. Apollo, as the patron of shepherds and the slayer of wolves, was once worshipped in the building which now bears the name of the wolf, the Lyceum (Lopez, 21). He was the son of Zeus, and his mother was Leto who disguised herself as a wolf to elude Zeus's jealous wife, Hera. Zeus transformed Lycaon

into a wolf as punishment for brutal behavior, and the name Lycaon exists today in the scientific name of the subspecies eastern timber wolf, *Canis lupus lycaon* (Busch, 86). Mars, god of war, was depicted into the Middle Ages in the company of a wolf (Rowland, 162) and is supposed to be the father of Romulus and Remus. As the god of the lands separating cultivated fields from wild woods, the association seems appropriate. Autolykos whose name means "he who is a wolf" appears in Book Ten of Homer's *Odyssey* as the grandfather of hero Odysseus. Egyptians worshipped the wolf as Apollo at Lycopolis and Osiris returned from the dead in the form of a wolf to seek vengeance on Set (Rowland, 161). The goddess Ishtar from the epic of Gilgamesh possessed the power to punish enemies by transforming them into wolves.

In Celtic myth, Lok was the destructive power of the universe in the form of a wolf. Nordic myth told the story of Fenris, a monstrous wolf whose destiny it was to destroy the sun (Rowland, 162). He was the son of Loki, the Teutonic god of dawn. Wolves accompanied the Teutonic fates, called Noms. The god Odin traveled into battle with two huge wolves (Busch, 88). The Finns called wolves Rutu's hounds -- dogs of the death spirit.

The legends agree in their characterizations of the wolf to a surprising degree, considering that they originated in distinct and distant regions. Nevertheless, there is difficulty

in deriving a single picture of the wolf from them. Confusion resulted from the word "wolf" itself in the early interpretations of ancient myth in connection with light and twilight. The Greek for wolf, *lukos*, resembles the word for light, *leukos*, and the words were sometimes confused in translations. This may perhaps explain the association of the sun god Apollo with the wolf (Lopez, 272). In Latin, the similarities of *lupus* (wolf), *lucis* (light), and Lucifer seem to suggest an association, which may account for early connections between wolves and devils (Lopez, 209-10).

## FABLES

One early and lasting form of literature which perpetuated a perception of the wolf as a sinister creature was the fable. Fables come from a long oral tradition which has used the wolf as a character of low intelligence, moral corruption, and ravenous appetite. The long list of fables which used the wolf to moralize includes: "The Wolf and the Crane", "The Wolf and the Lamb", and "The Dog and the Wolf". Most of these tales are attributed to Aesop, and, although most scholars agree that Aesop did exist, it is likely that some of the stories attributed to him originated from other authors. Later fabulists continued the tradition past the Middle Ages, preserving the wolf's reputation through twenty-five hundred years of storytelling and moralizing. Parents continue to share some of the more popular

fables with children and many of the principle wolf tales are now quite familiar. Due to the durable popularity of fables, they have had a special impact on the reputation of the wolf. This topic will be addressed in detail in the next chapter.

## ANCIENT AUTHORITIES & MEDIEVAL BESTIARIES

The Christian Middle Ages were times of great imagination and superstition and little empirical science. Animals were popular as images and symbols, but there was almost no interest in a scientific understanding, and fact and fiction flowed together into the popular literature. When relating the characteristics of an animal in the medieval bestiaries, for example, the author relied on previous descriptions, church teachings, and imagination, rather than on observations of the natural world to arrive at the final description. This is evidenced by the presence of the phoenix and the unicorn along side the wolf in the bestiary literature. Thus, the description of the wolf as a ravening devil-beast came from a need to have a character play the devil in order to communicate the moral rather than from observations of wolves in the wild. One of the early representations of animals in literature was the Greek Physiologus, which trans-

lates to "The Naturalist". What began as a fanciful natural history of animals became a vehicle for allegorical interpretations. As its popularity grew, it became a convenient way to conduct moral instruction, and each version had less and less to do with zoology and more to do with moral lessons.

Early versions of the Physiologus date to the second century from Alexandria and were built from an oral tradition, counting Pliny, Aristotle, and Solinus, among their sources. The Latin Physiologus was first translated around four hundred A.D., and it grew into later medieval Latin and French Bestiaries -- popular into the fifteenth century and widely read, second only to the Bible by some estimations. The basic characterizations and morals related to wolves are quite similar across the many existing versions of the Physiologus, but the wolf did not appear on a consistent basis until the seventh century when it was added by the bestiary authors and became a particularly popular character (George & Yapp). In fact, the favorite animal to present as a religious figure was the wolf the early religious literature in Western Europe in the Middle Ages (Ziolkowski, 124). According to Lopez, medieval Europeans were "obsessed" with images of the wolf (206).

The claims set forth in the medieval bestiaries, both about the nature of wolves and about etymology, frequently have little foundation in truth. To the modern reader, many of their explanations seem absurd, nevertheless, the general

characterizations and associations formed through them remain. According to one version, the Greeks call the wolf *lycos*, which derives from *lux*, "morning light", which is a fitting derivation for such plunderers (McCulloch, 188). In T. H. White's translation of a twelfth century Latin Bestiary, the eyes of the wolf shine like lamps in the night. Another says the Greeks call it *Lieus* for the Greek word for "bites" because, "wolves massacre anybody who passes by with a fury of greediness" (White, 56). Others maintained that the name arose from *leo-pos*, Lion-paws, because "whatever they pounce on, dies". If a twig should make a noise when the wolf's foot presses it, he takes his foot in his mouth as a punishment. For this reason, in the illustrated manuscripts, the wolf was often depicted biting its own paw.

The wolf of the bestiaries is a "rapacious beast, hankering for gore" (White, 56). Towards the end of the entry on wolves in White's translation, the text suggests how one is to interpret the characteristics of the wolf allegorically. One claim from Pliny's account in *Natural History*, 77 A.D., which is repeated in twelfth century bestiaries, is that the gaze of a wolf can cause a man to lose his voice if the wolf saw the man first. Like the enemy who causes man to lose the ability to cry out to God, the wolf could strike a man dumb. One belief was that the wolf was never able to turn its neck backward from a lack of joints in the neck, sym-

bolic of the Devil who never turns back to repent. The analogy was unambiguous:

The devil bears the similitude of a wolf: he who is always looking over the human race with his evil eye, and darkly prowling round the sheepfolds of the faithful so that he may afflict and ruin their souls (59).

Clearly, many of these notions were false, but the numerous entries in medieval bestiaries demonstrate the growing hostility toward wolves built upon fear, unfamiliarity, and a lack of concern for scientific accuracy.

## THE CHRISTIAN INFLUENCE

The likely source for the devilish characterizations of wolves found in the bestiaries and later religious stories was the Bible. The Bible makes several references to the predator wolf, beginning in the Old Testament: "Benjamin is a ravenous wolf; in the morning he devours the prey, and in the evening he divides the spoil" (Genesis 49.27). Wolves in the Bible are frightening, even devilish, creatures: predatory men are "like wolves tearing the prey, by shedding blood and destroying lives in order to get dishonest gain" (Ezekiel 22.27). They are used as a threat of punishment for Godlessness in Isaiah 5.6:

Therefore a lion from the forest shall slay them, A wolf of the deserts shall destroy them, a leopard is watching their

cities. Everyone who goes out of them shall be torn to pieces, because their transgressions are many, their apostasies are numerous.

The normal behavior of wolves is equated with harm and evil in two more passages in which Christ describes the conditions on His "holy mountain": "'The wolf and the lamb shall graze together, and the lion shall eat straw like the ox; and dust shall be the serpent's food. They shall do no evil or harm in all My holy mountain,' says the Lord" (Isaiah 65.25). The idea is repeated in Isaiah 11.6. "the wolf shall graze with the lamb, and the leopard will lie down with the kid". Since the wolf does not graze as a domestic farm animal and the lion does not subsist on straw, then the natural behaviors of these carnivores is associated with "evil" and "harm". The wolf's predatory aggression characterizes it as a naturally evil beast in these passages.

The New Testament makes metaphoric use of the wolf as the predator of the Christian Hock of sheep. Christ warned his apostles that He was sending out his sheep or lambs "in the midst of wolves" (Matthew 10:16, Luke 10.3). In Matthew 7:15, Christ says, "Beware of false prophets, who come to you in sheep's clothing, but inwardly are ravenous wolves". In John 10:12, Christ says, "He who is a hireling and not a shepherd, who is not the owner of sheep, beholds the wolf coming, and leaves the sheep, and flees, and the wolf snatches them, and scatters them". Wolves are likened

to heretics in Acts 20.29: "I know that after my departure savage wolves will come in among you, not sparing the flock." The lesson from these biblical metaphors and similes was that the good Christian leaders are the shepherds of the faithful flock, guarding them from the demonic predation of wolves.

The imagery created in the Bible of the wolf preying on the Christian flock later inspired other texts (Ziolkowski, 204). Delinquent priests were denounced for letting their flocks fall into the clutches of wolves. Monks were called wolves when they seized land for the purpose of entertainment (Rowland, 163). References to the negligent pastor as wolf appear in the literature of many popular beast poets. (Ziolkowski, 205). Chaucer's Parson from *The Canterbury Tales* was critical of those who "been the develes wolves that stranglen the sheep of Jhesu Crist" (Parson's Tale, 767). Pardoners, who, like the one described by Chaucer, sold pardons to sinners, as well as heretical teachers were called wolves by medieval preachers (Rowland, 163). In Andrea de Firenze's fresco, *The Way to Salvation*, in the Spanish Chapel of Santa Maria Novella in Florence, attacking wolves signify heretics (Friedmann, 304-305). In a broad sense, the wolf came to represent clergy who misused their power, and this theme entered the literature in a particular set of tales of the wolf-monk.

## THE WOLF-MONK & OTHER TALES

An important development in the role of wolves in Western literature came in the middle ages when wolves were cast as monks in ecclesiastical tales. As a comment on monks and monastic practices, these stories condemned those who became monks for material comfort rather than for spiritual reasons. It could also apply to the falsely repentant. The theme appears in the eleventh century "The Wolf" in which becomes a monk when it suited his convenience. "The Wolf by Ovid" and "The Wolf Goes to Hell" continued in this tradition as the wolf-monk became the "favorite character of Latin poetry" (Ziolkowski, 208). The presence of the wolf-monk in the tales enabled sharp criticism of the ecclesiastical hierarchy, by characterizing the wolf as a gluttonous, selfish, negligent, and greedy figure who meets his death as punishment for his sins.

The character type gained popularity until it was given a nickname, Ysengrim, in the twelfth century and grew into the literary animal epic, the Ysengrimus in 1150. The name has an uncertain etymology, possibly meaning "wolf-mask" from isen- ("iron") and -grijm (battlemask). The name may refer to the cult-animal worship of tribal warriors or to an evil spirit of Swiss folklore, isengrind, who kidnapped children (Ziolkowski, 209). Regardless of the origin of the name, it was commonly used to designate wolves as clerics and was recognized as a wolf-monk by the time

of the composition of the *Ysengrimus*. The longest of the medieval beast poems at 6600 lines, it was composed of a dozen stories in seven books, telling of the feud between the wolf and Reinard the fox. It was repeated in the French *Roman de Renart* dated from 1170 to 1250. The popular story quickly spread across Europe, and German, Flemish, and English versions built upon the Latin and French. Reynard the fox was cast in a friendly light as the peasant hero while the wolf was a more sinister character who represented an oppressive nobility. He was criminal and dimwitted and treacherous, forcing labor from the asses and cheating the old she-goats. In the Reynard cycle, animals represented different members of society, making it "one of the most powerful vehicles for satire in the later Middle Ages" as it was dangerous to condemn political and ecclesiastical abuses in terms more direct than animal parody (Klingender, 368).

The wolf also gets a few mentions in Dante's *Divine Comedy* as a she-wolf "laden with the craving of her greed" (Canto I, line 50) and later as a "cursed wolf of Hell" (Canto VII, line 8). According to Thomas Bergin the she-wolf was a sign of the Papal Court and corruption within the church (Friedmann, 304). Those condemned for the "sins of the wolf" including magic, hypocrisy, thievery, and seduction reside in the eighth circle of Hell, one of the lowest and most horrible regions in Hell (Lopez, 205). As in the

Reynard cycle, abused positions of power in the secular realm might also earn one the title of wolf. A notable wolf story is found in another class of tales in which saints tame wild animals, signifying the redemption of heretics and outlaws by the saints. The theme of beastly characters as the embodiment of the bestial nature of man will be further investigated in Chapter four. Fears of wolves built through the literature contributed to an extensive collection of superstitions and folklore whose tangible outcome was the centuries-long persecution of wolves whose beginnings are described in the next section.

## WEREWOLF & WOLF FOLKLORE

Various medieval laws encouraged the persecution of wolves. Authorization to hunt wolves from Christmas to March 25th was granted under forest law, but the animals were probably hunted throughout the year (Rowland, 164). A tenth century English King, "Edgar the Peaceful", accepted tax payments in the form of wolf heads (Busch, 87), and payments in lieu of imprisonment was a set number of wolves' tongues (Lopez, 208). Welsh law permitted the killing of animals which "only did mischief" including foxes and wolves (Rowland, 164). In *The Merchant of Venice*, Shakespeare wrote, "Thy desires are wolfish, bloody, starved, and ravenous" (iv.I.138). Shakespeare also calls appetite a "universal wolf" and peasants in the Middle Ages called

famine "the wolf. Feudal lords were also wolves. Continuing the symbolism set down in earlier myth, analogies were made between the inharmonious wolf and sheep relationship and discordant musical tones. In fact, the symbolism stretched so far as to conclude that strings from sheep entrails would produce discord when placed on an instrument with a single string of wolfgut. An untrue note can still be described as a wolf string (Rowland, 166). A similar and widespread belief held that wolves hated music. T. H. White's translation of a Latin bestiary explained that wolves were "allergic to noises like singing or the clashing of cymbals" (60). In the bestiaries, one could chase off a wolf by clapping stones together.

Many cultures have some variety of were-creature, but none is so famous as the werewolf of medieval Europe (Busch, 90). Werewolf belief was popular across Russia and into Europe, in Germany, Greece, Italy, Serbia, and especially France where many were burned at the stake for their werewolfry. The werewolf existed in ancient legend. In the fifth century B.C. Herodotus expressed his disbelief in the ability of men to transform into wolves, and Pliny discounted the notion as a "fabulous untruth". Under Canute law, criminals were designated *verevulf*, as a man who transformed into a beast by his antisocial behavior (Rowland, 164). The werewolves as half-man, half-wolf inspire many questions of why humans attributed human quali-

es to wolves. These issues will be further explored in chapter four.

## FAIRY TALES & LATER STORIES

According to modern scholarship, the wolves of fairy tales can be representative of sexual predation -- a curious association considering the centuries-old role of these tales as moral instructions for children. This relationship was not a new one; Lupa and she-wolf did refer to prostitutes since ancient times. Chaucer's Manciple characterizes the wolf thus:

*A she-wolf hath also a vileyns kynde. The lewdest wolf that she may fynde, Or leest of reputacioun, wol she take. In tyme whan hir lust to han a make.*

(Manciple's Tale, 183-186). In recent centuries Robinson Crusoe by Daniel Defoe and Willa Cather's My Antonia have described wolves as ravenous and vicious creatures. The children's fairy tales of "Little Red Riding Hood", "The Three Little Pigs", "The Seven Little Billy Goats", and "Peter and the Wolf" feature a wolf who is diabolical and rapacious. These descriptions of wolves from childhood still enjoy great recognition and have presumably the greatest impact on our present-day notions of the wolf. Fables and Fairy tales bookend the history of the wolf in Western literature. They have been continually created and re-created into various versions and they demonstrate the con-

tinuity in the wolf's role. For this reason, the next two chapters focus on how the wolf is depicted in these specific types of stories.

## II. FABLES

Fables have been written in a particular tradition that has continued through many centuries. Some of the more well known fabulists include Aesop, Aristophanes (448-388 B.C.), Horace (68-8 B.C.), Marie de France (1160-1190), William Caxton (1422-1491), Leonardo da Vinci (1452-1519), Jean de laFontaine (1621-1695), John Dryden (1631-1700), John Gay (1685-1732), Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), William Blake (1757-1827), Leo Tolstoy (1828-1910), Robert Louis Stevenson (1850-1894), Franz Kafka (1883-1924), and James Thurber (1894-1961) (Kennerly). Fables by Aesop and those in the manner of Aesop by later authors have a recognizable format: a short fictional tale with a moral in which animals take on particular ethical types representative of human characteristics. One attraction that has drawn authors to the form of the fable is its universal form and simplicity which can convey moral lessons to readers with a wide range of educational backgrounds.

Like most other fiction in which animals play a major role, fables project human qualities in the animals to make the stories relevant to readers. For example, sheep are generally innocent types, foxes are crafty, and the wolves are cruel. Sometimes the animals represent certain classes of

society. In such fables, wolves most often play the oppressors and lambs, again, are the innocents. The reader of a fable knows these figures beforehand and expects which character traits will be moralized, by simply reading the title. Thus, "The Wolf and the Lamb" will certainly present a tale of innocence (lamb) versus greed (wolf), and "The Fox and the Wolf" will tell a tale of cleverness (fox) tricking the fool (wolf). That the author need not introduce each animal at the beginning of a tale contributes to the convenient brevity of fables. However, the particular characterization of wolves which fables have created and maintained have slandered their reputations until readers attribute the human morality to the natures of animals even outside of the context of the fable.

Moral instruction is usually understood to be the purpose of fables and the identification of ethical types aids this purpose. One popular collection edited by Samuel Richardson in 1740 demonstrates this point with its lengthy title: "Aesop's Fables. With Instructive Morals and Reflections, Abstracted from all Party Considerations, Adapted To All Capacities; And designed to promote Religion, Morality, and Universal Benevolence". As was fashionable at his time, he wrote fables for a general audience rather than for a juvenile one since the genre enjoyed a great deal of interest and respect in the eighteenth century. Unlike today, when fables are generally limited to children's literature, the tales

were regarded to possess literary merit during Richardson's day (Noel, 2). His successful collection went through several editions and was translated into German by another popular fabulist, Gotthold Lessing (Noel, 114).

Robert Dodsley was a popular eighteenth-century English author, associated with Samuel Johnson and Alexander Pope. He also collected and published a selection of Aesopic fables which enjoyed notable success; it was printed at least thirty-two different times, from 1761 through 1824, plus recent editions in 1976, 1983 and 1993. Like Richardson's collection, it is notable because it demonstrates the popularity of the fable form, but it also remarkable because of its presentation of an eighteenth-century opinion on the nature of animals. In a series of essays which introduce the collection titled *Select Fables of Esop and other Fabulists*, Dodsley clearly articulates the perception that animals' natures are accurately represented by the fabled ethical types. His introduction begins with "A New Life of Esop. Collected from Ancient Writers. By a Learned Friend", in "An Essay on Fable", this learned author put forth the following notion:

"The truth is, when Moral actions are, with judgment, attributed to the brute creation, we scarce perceive that Nature is at all violated by the Fabulist. He appears, at most, to have only translated their language. His Lions, Wolves, and Foxes, behave and argue as those creatures would, had

they originally been endowed with the human faculties of speech and reason." (Dodsley, lvi).

From this statement, it can be reasoned that the author sees the nature of wild wolves as accurately illustrated by the behaviors of fabular wolves. That is to say, that if humans understood the language of the "brute" creatures of nature, the wolf in nature would exhibit the same moral actions as are regularly assigned to it in the fables. Concerning the specific properties of the animals in fables, the author understands as fact that "'Twere a very obvious instance of absurdity, to paint an Hare, cruel; or a Wolf, compassionate" with the clear indication that the wolf's nature is defined by deliberate cruelty.

To Dodsley and his contemporaries, the wolf represents an element in the human race, and almost invariably, it embodies the worst inclinations of human nature. Animals are in many respects so near to humans that "we need only lend them speech, in order to produce a striking resemblance" (Dodsley, liv). "Animals in their native characters, without the advantages of speech and reason, which are assigned them by Fabulists, may, in regard to Morals, as well as Arts, become examples of the human race" (Dodsley, liv). He wrote towards the end of the tradition of fables in Western literature, so it is fair to say that his words summarize those ideas that were already well established in the history of fables. One of the ideas he perpetuated was that animals

did have certain "known characteristics". In an essay called, "Of the Action and Incidents proper for a Fable", Dodsley instructs fabulists not to ascribe animals "appetites and passions that are not consistent with their known characteristics" (Iii). Since these characteristics were gathered from earlier fables and myth in the literature, rather than from natural observations, they continued sinister images of wolves. This fact is significant when educated and well-read authors, like Dodsley, assign a "moral action" like cruelty to wolves as a "known characteristic". Robert Dodsley was not alone in marking the cruelty of wolves. Thomas Bewick published a collection of Aesop in England in 1818 which showed a more enlightened view of wolves than earlier authors. In his moral of "The Wolf and the Lamb", Bewick states, "men of wolfish disposition and envious and rapacious tempers cannot bear to see honest industry raise its head" (Lopez, 256). Evil, corruption, and lack of intelligence are attributable to the creature's natural disposition. According to this thinking, the killing of lambs can be blamed on wolves' innate brutishness.

The regular assignment of human qualities to representative animals often staged the wolf as an oppressive, greedy, and cruel figure. The wolf has tended to be represented the villain, sometimes cunning, but usually dim-witted, and rarely lucky or successful in his pursuits. He often tries to deceive but fails in deception and then sulks indignantly

or is even killed. He is brutish and tyrannical, while at the same time, playing the coward. Certain phrases frequently appear with the wolf. For example, they are very often described as starved, half-starved, or famished, and they are almost always engaged in the pursuit of food. He often does what he does out of his brutish hunger, but fails because of his greediness. The wolf is described as an "injurious beast" in "The Wolf and the Lamb" characterized by cruelty, injustice, and oppression. He often fails to recognize his own greed which he readily notices in other animals. In the popular fable of "The Wolf and the Crane" the wolf beseeches a crane to remove a bone stuck in his throat, promising the crane a reward. After the obliging Crane has performed the dangerous deed, wolf finds it unreasonable that the crane wants more reward than not having had his head bitten off. This is a typical representation of wolves as greedy and ungrateful.

In almost every fable in which they appear, wolves play the brute or ogre, making them among the most abused and mischaracterized creatures of the fables. One author has called wolves "most unloved in the pantheon of animals" (Kennerly, 6). She also notes that the wolf, as the "bully" and the "Bestiary creature of fang and paw, unbeautiful and all too fathomable", is the creature most like humans (Kennerly, 6). The various authors and versions have generally made few alterations to the classic stories because they de-

monstrate human nature which does not change. Like all animals of the fable, the wolf is incapable of knowing the consequences of his actions until after they have been made, and that is what makes them so appealing to readers. The wolf is the "irreconcilability between instinct and rational thought" (Kennerly, 6). Because of the constancy in the personality of wolves, it is possible to look at typical fables and draw a singular picture of the wolf as is not possible with other types of literature.

In the following two fables, the wolf is used to represent the dumb thief or the villain who represents moral flaws in humans. The first fable is titled "Wolf Robbed", and it is attributed to Valerius Babrius, a Greek fabulist from the second century A.D. The second fable is an equally ancient fable from the collection of Robert Dodsley, called, "The Wolf in Disguise".

Wolf Robbed Once a wolf was carrying home a sheep which he had plundered from the midst of a flock, when a lion met him and took it away from him. Standing at a safe distance, the wolf bawled out: "You're unjust! You've robbed me of property that was mine." The lion was delighted with this and said to the wolf in mockery: "No doubt you came by it honestly, as a present given by friends."

-- Babrius, translated by Ben Edwin Perry (Kennerly, 121)

The Wolf in Disguise Moral: Designing hypocrites frequently lay themselves open to discovery by overacting their parts.

A Wolf, who by frequent visits to a flock of sheep in the neighborhood, began to be extremely well known to them, thought it expedient, for the more successfully carrying on his depredations, to appear in a new character. To this end he disguised himself in a shepherd's habit; and resting his fore-feet upon a stick, which served him by way of crook, he softly made his approaches towards the fold. It happened that the shepherd and his dog were both of them extended on the grass, fast asleep; so that he certainly would have succeeded in his project, if he had not imprudently attempted to imitate the shepherd's voice. The horrid noise wakened them both: When the Wolf, encumbered with his disguise, and finding it improbable either to resist or to flee, yielded up his life an easy prey to the shepherd's dog. (Dodsley, 56-7).

An analysis of the two fables reproduced here reveals that in each fable, the wolf plays a dependable character: a cowardly, morally corrupt, greedy, and dim-witted thief, following the patterns set by other wolf fables. The first fable shows the wolf to be a plunderer, and in the second, he is caught in the act of plundering. The wolf is a fool who is mocked by the lion in "Wolf Robbed". He is often depicted in disguise as in the second fable. The phrase "a wolf

in sheep's clothing" gained popularity through these familiar fables. At other times, the wolf is in hiding or sneaking about according to his cowardly nature. When the lion appears, the wolf makes certain that he is at a "safe distance" from the fierce lion before he insults him. Similarly, when the wolf in "The Wolf in Disguise" realizes he has no chance against the dog, he yields himself up as easy prey to the dog.

In truth, if the wild wolf of had the same kind of luck as the fabular one, he would never have a meal, and wolves would simply disappear. In the fables, catching prey is always equated with robbery, or is characterized as a deliberate act of cruelty. If this were the case, then every natural predator would be a thief. One fable in particular, "The Wolf and the Shepherds", seems to address this fact when a wolf finds men joyously feasting on a banquet of mutton. The moral of the fable is, "How apt are men to condemn in others, what they practice themselves without scruple". This fable shows that men fail to recognize the same wolfish greed in themselves which they criticize in wolves, just as they fail to see the projection of human traits onto animals.

The inaccurate descriptions arise from a necessity to have a recognizable character. Misconceptions of the animals proceed from the belief that the morals of storybook wolves also apply in nature. The problem for the reputation

of wolves is that the adults who learned these tales as children of ten fail to rethink their perceptions. The fact is that characterizations of animals cannot be lifted from the pages of the storybook and applied to modern understanding of them. Such a practice projects a negative and anthropomorphic image onto wild animals. It is far easier to fear a species whose image frightened one in his childhood. It is simple to hate the creatures who, as a thief in the fable, got what he deserved when he was left empty-handed. Almost every child is familiar with a version of Aesop's fable because it is a convenient mode of imparting lessons. While the principle intention of fables may be for moral edification, the secondary result is that children learn to fear and resent wolves. Without rethinking these antique and consistent characterizations from childhood, a distorted picture of the wolf, as drawn by fables, persists. In chapter five we will discuss how some of the popular images from fable still thrive in modern society.

### III. FAIRY TALES

Fairy tales as a class of literature share a certain number of characteristics, but they are less definable or uniform than fables. There is much more variety in the fairy tales both among the different tales and within the many versions of a particular tale. Each fairy tale has its own history with a number of versions, and translations, sometimes originating from an oral history, and many of the characteristics of fairy tales have greatly changed overtime. On the whole, they have become milder in very recent times. There are important distinctions between the original tales of authors, like the Brothers Grimm and the Disney versions of "once upon a time's," and "happily ever after's" which enjoy popularity today. Those stories by Disney which have the same titles as the much older fairy tales are more gentle, longer, and more musical with predictably happy endings. Conversely, typical fairy tales from the seventeenth and eighteenth centuries can be extremely brutal, even ending with death of the main character. More recent retellings have developed elaborate ways to rescue the title characters, with the heroes often being liberated alive from the belly of the villain wolf. A small number of retellings from the past decade have begun to question the evil characterizations of wolves in fairy tales.

Fairy tales traditionally depict the wolf as an ogre, as in fable, but in the tales he takes on a more sinister and threatening persona. With many more humans in fairy tales than there were in fables, wolves become greater enemies of people in particular, rather than predators of the flock. Even in the tales in which wolves encounter other animals, the animals are civilized and live quite as people do. The wolf emerges from the forest to invade houses and their inhabitants—be they goats or little pigs or grandmothers. He is no longer merely a thief of sheep in the field; the wolf is now an intruder into the most private spaces of the home, even taking the place of the grandmother in her own bed. In the fairy tales, the wolf is a personally threatening beast.

Though authors of fairy tales, like fabulists, write primarily for a juvenile audience, they themselves write from an adult experience. Thus, elements from an adult imagination become a part of the children's stories, and both types of tales can be more complex than they may appear on the surface. An example of this hidden complexity is the possible sexual overtones in "Little Red Riding Hood". Another consideration is that the children taught the stories rarely reevaluate the childhood impressions made upon them once they reach adulthood. Very negative impressions of wolves are constructed in fairy tales, and images of the "Big Bad Wolf", for example, can remain in the back of the mind of

anyone who learned the tale of "The Three Little Pigs" as a child.

As one of the best known fairy tales, "The Three Little Pigs" and the title characters' enemy, the Big Bad Wolf, are familiar to most anyone acquainted with fairy tales. The story is of three pigs, each of whom ventures out on his own to build a house as protection against the Big Bad Wolf. The first pig constructs his home of straw, the second, of sticks, and the third builds a brick house. The wolf "huffs and puffs" and blows down the first two houses, eating their inhabitants. He fails to destroy the brick house, and instead is tricked by the third little pig and boiled to death. The intent of the story is most likely a lesson in preparedness, by the secondary effect is the encouragement of a fear of wolves. The phrase "Big Bad Wolf" has a solid position in the English vocabulary -- to the detriment of wolves.

Peter and the Wolf is a unique tale, providing a contrast to the traditional fairy tale wolf. Written and set to music by Russian composer Serge Prokofiev to introduce children to the orchestra, it is one of the most successful of children's symphonies. A different instrument represents each character with young Peter portrayed by a violin and the part of the wolf sounded by a French horn. Peter, against the warnings from his grandfather, ventures outside of the gate into the dangerous meadow where he and his animal friends encounter a wolf. The wolf catches the duck and swallows

her. Then Peter bravely captures the wolf by the tail and insists that the wolf go to the zoo instead of being shot by hunters. While the wolf is still depicted as the real threat in the wilderness, he gets a friendlier than normal treatment in this musical tale. In this eastern story, the wolf does not represent the beastly qualities of people as a speaking creature with human characteristics. Rather, the wolf is a wild animal of the forest who is shown compassion by the young boy. Similar themes enter western literature with Rudyard Kipling's *The Jungle Book*, which describes the social life of the wolfpack. This more realistic view of wolves in literature is revisited in chapter five.

Perhaps the least familiar of the wolf fairy tales, is "The Seven Little Goats" in which the wolf again is the evil and cunning predator lurking outside the door. The wolf villain tries to gain entrance into the goats' house while the mother goat is away by imitating her. The seven goat children inside ask the wolf to prove himself by showing his white hoofs in the window, which he does after dusting his paws with flour. The goats are fooled and let him in, only to be eaten by the wolf. Only the youngest escapes to tell mother what happens. She and the huntsmen discover the wolf sleeping by a stream, and they slice open his belly to release the goats, replacing them with rocks. The stones weigh the wolf down so much that he drowns in the stream upon waking. The use of stones, which is repeated in some ver-

sions of "Little Red Riding Hood", recalls the mythic use of stones in the bestiaries. In T. H. White's bestiary, a man could make the wolf lose his "courage and convictions" and run away by clapping two stones together which would "reverberate the saints o f God". Stones were representative o f the "apostles or other saints o f Our Lord" since "all prophets have been called stones of adamant" (60). The wolf of fairy tales certainly possesses devilish qualities.

The story of "Little Red Riding Hood" first appeared in Perrault's *Histoires ou Contes du temps passe* in 1697, and first appeared in English in 1729 (Opie, 93). This original version seems to be a brutal lesson on the consequences of dallying ending with the "wicked Wolfe" falling upon Little Red Riding Hood and devouring her. In the version by Jacob and Wilhelm Grimm, the wolf eats the heroine, known as Little Red Cap, and then falls asleep. He snores loudly enough to bring the huntsman, who opens the wolf's belly to find the girl and her grandmother still alive inside, replacing them with stones. Then the wolf falls down dead with the weight of the stones. The lesson at the end of the story is "Never again in your life will you wander alone off the path into the forest when your mother has told you not to". The simplicity of such a valuable lesson has contributed to the popularity of the tale, but the tale has also contributed to a negative perception of wolves expressed by Charles Dickens when he humorously remarked that Little Red Riding

Hood was his first love. He said that he deplored "the cruelty and treachery of that dissembling wolf who ate her, after making that ferocious joke about his teeth" (Opie, 93).

The wolf of fables can be seen to represent the observations of the conscious mind while the fairy tale wolf has, in recent analysis, come to represent fantasies of unconscious thought (Lopez, 251). Modern psychoanalysts have paid particular attention to the potential sexual undercurrent flowing through "Little Red Riding Hood" in which the wolf represents a sexual predator of the young maiden. According to some theories, the red color of the hood represents the menstruation of sexual maturity of the female. She is punished for leaving the path of virtue. Fromm suggests that the wolf's devouring of the girl represents his desire to play the female by having live beings in his belly. Then he is killed by the stones in his belly, which represent sterility (Rowland, 166-7).

Modern authors have used the narrative to frame adult literature with feminist themes like Angela Carter's *The Company of Wolves*. Bruno Bettelheim explains in *The Uses of Enchantment* that the little girl struggles with the two personalities of males: the id, represented by the wolf, and the ego in the identity of the huntsman (Lopez, 266). The lack of consensus among these theories tends to diminish the influence of any one of them.

Others dismiss the view of the tale as a seduction scene. Lopez suggests another metaphor in the tale. The actions which huntsmen take against the wolves in the fairy tales is violent and socially acceptable just as the actions of cattlemen and shepherders against predator wolves have been understood as revenge for wolf-killed livestock. Little girls play the role of sheep and cows while the wolf represents the predator, whether a sexual predator of an animal one (Lopez, 266). Iona and Peter Opie point out that it is "improbable" that the term "wolf" to describe a predatory male originated from "Little Red Riding Hood" as some have suggested, since it did not acquire that particular meaning in 1930 in the United States (94).

As described earlier in chapter one, "wolf" has also been used in literature to describe seductive women. The bestiaries explain that prostitutes are called wolves because they are also ravishers which rapaciously "devastate the possessions of their lovers" (White, 56). *Lupa* did mean both "she-wolf" and "prostitute" (Rowland, 164). The connection was so prevalent in ancient Rome that the Lupercal temple became a brothel. In the Elizabethan age, Topsell questioned whether Romulus and Remus were actually raised by a she-wolf suggesting the mother was a harlot instead (Rowland, 164). Boccaccio brings together two wolf metaphors in Day III of the Decameron when Nefile refers to the female members of the group as "sheep", but Filostrato

maintains that, due to their lascivious narratives, they have really behaved as "wolves" (Brownlee, 262).

While adult authors may have subconsciously infused complex psychological details into children's literature like fairy tales, the children are still the primary consumers of such stories. They first understand the wolves simply to be the "big bad wolf" from fairy tales of youth, regardless of any possible presence of mature themes in fairy tales. More important is what the young listeners and readers do perceive from fairy tales: wolves are evil beasts who prey on people. Children grow into adulthood with these same perceptions, largely unchanged by adult reinterpretations. Through this process, fairy tales help construct much of the hate and fear aimed at wolves.

In recent years, some classic children's stories have been rewritten to reverse the traditional wolf roles but in the end, they all serve to reaffirm the ancient notions. One book called *The Three Little Wolves and the Big Bad Pig*, 1993, by Eugene Travizas retells the classic tale with the pig as the villain. It is not an uncommon trend. Joseph Robinette wrote about a reevaluation of the wolf in *The Trial of the Big Bad Wolf* in which the misunderstood wolf is vindicated. James Thurber also retold fairy tales in the 1930's. The most famous is "Little Red Riding Hood" in which the little girl saves herself by drawing a gun that was hidden in her basket. Such retellings may question the traditional

characterizations, but the most common perception of the wolf is still that of an ogre. In fact, it is from their absurd role reversals that these recent stories derive their interest and humor. They testify to the permanence and popularity of the wolf's bad reputation.

# IV. EXPLAINING THE DEMONIZATION OF WOLVES

That wolves have been consistently and lastingly singled out as villains and plunderers in the literature is clear. Less obvious is the reason why Western culture has paired the wolf with negative qualities with such consistency and persistence. A host of speculations have been made, but no one theory fully explains the human psychology behind these prevalent fears and superstitions concerning wolves. The overall negative image of the wolf has specific associations which have co-evolved with the pervading cultural theme of a certain time. As illustrated in the Historical Overview, the concerns of society dictated how wolves were represented in the literature with the general outcome that wolves are portrayed as a force against human goals.

The literature does not show the wolf to be merely a natural predator. More than an actual thief of livestock, wolves became symbols of less tangible human fears. They have been linked to the devil in the medieval bestiaries or even immorality in the stories of the wolfmonk. Wolves were associated with famine by Shakespeare or with the dangers of the wilderness in fairy tales like "Little Red Ri-

ding Hood" and "Peter and the Wolf". Another association of the wolf as a representative of the wilderness emerged in American culture when wolves became symbolic of the wilderness as a barrier to progress. Bestly human qualities were represented in animal form in werewolf tales, while the wolf of fables represented less sinister human flaws. It is useful to establish what created and supported the notion of the wolf as a malevolent or even an evil force. As men first began to keep domestic animals, they displaced wild game, and wolves came to predate on livestock. They became real threats to the farmers' economic interests and so began the rivalry between man and wolf. This is the best justification for the persecution of wolves because it is based on a genuine threat. It is much like the characterization of a volcano or a storm as a mythological figure possessing an evil nature. As Barry Lopez explains in *Of Wolves and Men*, this role of the wolf as enemy to the herders is not sufficient to explain the extent of the literature against wolves (139). The roots of the fear and hate of the beast is a concern for the safety of domestic animals but the full explanation lies deeper in man's psychology.

The Historical Overview showed the strong role of the wolf in religious literature which was popular under the strong influence of the medieval church. The Roman Church used the image of the wolf as a devil lurking among the Christian flock in the real world to give the devil a physical

presence on earth (Lopez,208). One image of the wolf in medieval literature that resulted from this type of thinking was that of the heretic. During the Inquisition, heresy became the ultimate enemy to the goals of the church which could be rooted out by destroying witches, sorcerers, and werewolves. Thus wolves and werewolves came to represent heretics, and those accused of werewolfry were regularly burned at the stake during the Inquisition. Simply not believing in the existence of werewolves as the incarnation of the Devil was a heretical act. One piece of literature defended the Church's persecution of wolves as a holy act against evil. The *Malleus Maleficarum*, Hammer of Witches, published in 1487, attempted to prove that werewolves existed as agents of the Devil (Lopez, 238-9).

The wolf was chosen because it was the beast most hated by man, and the associations of the wolf with the Devil only served to deepen fears of wolves. The idea that men transformed into wolves to commit the Devil's work shows how the wolf became a symbol of man's bestial nature. The destruction of the wolf or werewolf could free a man from his sins, and wolves were indeed put to death both in the literature and in the real world. Lopez suggests that the projection of bestial human qualities onto the animal represents a kind of self-hate in humans for man's own savagery and lust (227). Taming the bestial natures of man was the role of the Church as represented in symbolic story of the

Wolf of Gubbio (Klingender, 456). The wolf in the story, which is identified with heretics and other sinners, placed its paw in the hand of St. Francis of Assisi in a promise never to bother man or beast again in exchange for a peaceful life inside the city walls. The wolf is depicted as a ravaging beast before its religious transformation symbolizing the bestial nature of man redeemed by the saint. As St. Francis redeems the savage wolf, so could the Church transform the uncontrolled, bestial tendencies of man.

As Kennerly describes in *Hesitant Wolf and Scrupulous Fox*, the wolves of fable are the animals most like humans, while at the same time, they are the beasts most unloved by humans (6). Again, this, like the religious literature, is representative of man's hate of his own bestial instincts. Such thinking has been called "Theriophobia", a fear of the beast in one's self. In an essay on the philosophical debate over the nature of animal's souls, called "The Dolphin Papers", John Redman described some of the popular views on the fear of the beast and offers the "rapacious potential in legends of men who turn into ferocious wolves" as an example of man's projection of self-fear and self-hate onto beasts (17). Redman explains that the source of theriophobia is "fear of self and its central mechanism is projection". Theriophobia is common in Western thought and is defined by Hobbes as the state of nature where "man is a wolf to man". The result of this fear is the annihilation of the beasts

and of bestial men which was "carried on as part of God's war against Satan. The behaviors associated with bestial or animalistic traits are in fact entirely human in nature and quite unrelated to the animal world. For example, insatiable greed, lust, and cruelty are brute qualities not found in the animal world, yet they are quite common to human nature (Redman, 20).

Human qualities were projected onto animals in legal trials and in the philosophical literature of Europe in the seventeenth and eighteenth centuries. A number of animals were criminally prosecuted during that time including murderous pigs thought to be possessed by devils and dogs found guilty stealing. Swarms of flies found guilty of bothering worshippers were excommunicated. Other punishments included various kinds of torture and it was not uncommon for animals to be executed (Evans, 235-46). Domestic animals were understood to be innately good, while wolves were by nature evil. It was popular in the Middle Ages to distinguish between *beastes dulces*, the sweet beasts who served man, and *beastes puantes*, the stenchy beasts who caused him grief, which fostered the notion that it was morally right to kill wolves (Lopez, 146). The popular characterization of wolves as cowards familiar in the bestiaries and fables associated the killing of wolves with the correction of nature's imperfections. Lopez points out that the perception that wolves killed "defenseless"

animals like sheep and deer may have encouraged man to eliminate wolves for the protection of weak and good animals (148).

Redman argues that the volume of literature of the time related to the contemplation of the animal soul suggests that it was the great issue French thought of the seventeenth and eighteenth centuries (18-19). It was also a popular topic of debate throughout Europe, and there were many differing opinions on the subject. The popularity of a particular philosophy had strong implications for animals including wolves. Killing a wolf could be considered morally right or wrong depending on whether the animal possessed a soul or not. The prevailing philosophy impacted man's likelihood of killing wolves in both literature and life. Unfortunately for wolves, a kinder or more "theriophilic" approach to animals was "largely absent in the Christian era" (Redman, 19). This thinking regained popularity in the Renaissance in the writings of Montaigne and in the enlightenment by Hume and Rousseau. It was thought by these philosophers that they rely on natural instincts more than man does and thus, deviate from God's natural laws to a lesser degree and were more moral than man (Redman, 19). In quite another vein, St. Thomas Aquinas believed that creatures were no more than tools of Satan "instigated by the powers of Hell" (Redman, 21). Rene Descartes argued that animals were put on earth for man's use as irrational and insensible machines.

To think that animals were on the same plain as man threatened his faith in Christian immortality, so Descartes' strict distinction between man and beast affirmed man's belief in the existence of God(22). This desensitizing of nature moved any moral restraint from the killing of animals, especially wolves. Fabulist Jean de la Fontaine disagreed with Descartes' image of wolves as beastly machines which is evident in his fables which depicted wolves favorably, giving them souls and rational thought (Lopez, 258). As Lopez argues, this type of thinking was rare, and the themes of Descartes still have an impact on man's understanding of nature by allowing an irresponsible approach to the machines of nature.

Another important image associated with wolves is that of the "howling wilderness". The wilderness has been described as both a secular threat and as a vacuum of Christianity. The wolf exists on the border between civilization and wilderness in nature and in literature as well. He inhabits the forest surrounding Little Red Riding Hood's home, and he lives just beyond the gates in Peter and the Wolf'. The Greek gods most often associated with wolves are Mars, who is associated to the land between forest and open country, and Apollo, who has connections to twilight, the temporal border between light and darkness (Lopez, 209). Lurking between wilderness and civilization, the wolf is situated at the border between the bestial and the "human" qua-

lities of man. This association echoes the popular image of the werewolf as half-man, half-beast.

These European notions carried over into the American wilderness to create a unique situation which ended in the destruction of wolves by the government, ranchers, and bounty hunters in the second part of the nineteenth century. Nash provides some insight into the subject in his book, *Wilderness and the American Mind*. In it, he describes wilderness as the opposite of Christian paradise. The secular beasts of the wilderness in *Beowulf* represent the peril of the wilderness and fostered a fear of the unknown threats of dark forests (12). These kinds of fears were later applied to wolves, the representative beasts of wilderness. Medieval Christianity made a connection of wilderness as a place without God. In a literal sense, missionary efforts were deemed successful when the wild forests in which pagan rites were performed were destroyed. In a more general sense, dangers inherent to the wilderness were as the sins inherent in the material world. Seeking God and clearing the world of the evils of sin would deliver one to paradise (Nash, 17-18).

Alexis De Tocqueville remarked on the American attitude towards the wilderness upon a 1831 trip to the new country, saying that Americans' only concern is the "march across these wilds, draining swamps, turning the course of rivers, peopling solitudes, and subduing nature" (Nash, 23).

Destruction of wolves became a part of this subjugation of the wilderness. When William Bradford stepped off the Mayflower into a "hideous and desolate wilderness" he helped create what Nash calls a "defiant hatred" of the wilderness which was present in America at that time and which still remains today (24). Wilderness provided both a physical barrier and a symbolic barrier of moral darkness to the American pioneer. Cotton Mather and Nathaniel Hawthorne expressed and contributed to the impression of the wilderness as unchristian. Hawthorne created a wilderness that was "black" and "howling" with references to nightmarish images of the devil in the wilderness. In *The Scarlet Letter*, Hester Prynne wanders through the "moral wilderness" of Salem where the forest represented temptation to evil (Nash, 40).

There was a real, but exaggerated, fear of wolves at the time that was used to frighten Christians to godly behavior. The Puritan leader Cotton Mather warned that "the Evening Wolves, the rabid and howling Wolves of the Wilderness would make ... Havoc among you, and not leave your Bones till the morning" (29). The civilization of wild country was seen as evidence of God's blessing. It follows, then, that westward expansion would be hailed by the Puritans as one of their greatest achievements. They had transformed "hideous thickets" where "Wolfes and Bears nurst up their young" into inhabitable Christian towns (37). Puritan

authors celebrated that God "hath been pleased to turn one of the most Hideous, boundless, and unknown wildernesses in the world ... to a well-ordered commonwealth" (37). The specific references to wolves always describe them as agents of the wilderness. The progress across the country, which entailed the destruction of the places of wolves, was believed to be in accordance with the will of God. Nash describes the situation like this: "In the morality play of westward expansion, wilderness was the villain, and the pioneer, as hero, relished in its destruction" (24). This could also describe the attitudes of American Bounty hunters of the wolf.

These notions were remnants of centuries of European fears and folklore constructed around wolves that perhaps reached back even further in man's memory of his primitive origins in the wilderness. Wilderness formed a barrier to prosperity, progress, and godliness into the nineteenth century when America's Manifest Destiny made clear that "Progress is God" in the words of one proponent of the movement west. Later Americans perpetuated the perception of wilderness and translated it to wolves in devastating campaigns of wolf extermination in the nineteenth and twentieth centuries. Theodore Roosevelt expressed the feelings of a nation when he spoke of wolf predation and the threat it posed to progress when he called the wolf "the beast of waste and desolation" (Lopez, 142). Both Nash and

Lopez agree that the prejudice against the wilderness and its representative, the wolf, continued as an influence to American opinion and are only recently starting to change shape.

## V. LINKING THE FICTION WITH THE REALITY

The previous chapters have surveyed the wolf's role in Western literature to find many deep and lasting human perceptions of wolves. A comparison of those works with the scientific literature compiled through the observation of nature reveals few similarities. Even after scientific study developed and zoology began to be studied as a branch of science, the wolf characters of popular culture remained locked in myth and fiction. Only recently has Western literature recognized the value of portraying wolves as animals in the natural world. Modern wolf stories like those of Jack London and movies like *Dances with Wolves* portray wolves more realistically in their natural environments.

Certain literary elements have gained a place in the zoological understanding of wolves, while some of the science is observed in the literature. For example, a remnant of Greek myth survives in the classification of a subspecies of wolves. The mythological character Lycaon lent his name to the scientific name of the eastern timber wolf, *Canis lupus lycaon*. Descartes' discussions on the souls of animals perhaps contributed to a modern mechanistic and scientific disregard for animals (Lopez, 258). The common associati-

on of wolves with the borders between wildforest and cities attests to the reality of habitat loss of the animals. As human civilization affected the distribution and food habits of wolves by killing their natural prey and replacing their natural ranges with ranches, wolves were forced into populated areas (Lopez, 14).

While the primary purpose of bestiaries was teaching Christian lessons and not describing animal behavior, there is evidence that they represented natural observations to some degree. For example, the text quoting Solinus often accurately describe the appearance and behavior of wolves (George & Yapp, 50). The bestiary translated by T.H White notes that wolves only mate twelve days out of the year, and in fact, the female wolf is in estrus only once per year, usually lasting from five to seven days in February or March (Busch, 66). The bestiary also claims that females do not give birth in any month other than May, and pups are commonly born in April or May. In *Historia Animalium*, Aristotle recorded the wolf gestation period lasting from fifty-nine to sixty-three days, and scientists know it to last typically sixty-three days. There may have been some zoological basis for the association of wolves with prostitutes according to Rowland's *Animals with Human Faces* (165). Also, the text mentions Ethiopian lupus, a multi-colored and maned wolf, which fits the description of the striped hyena of Northern Africa (George Yapp, 51).

Sincere attempts at understanding animals for the sake of learning rather than for moral education began in the sixteenth century, but zoology did not become a separate branch of study until the eighteenth and nineteenth centuries. It diverged from myth after Francis Bacon made public his ideas on the scientific method in the sixteenth century. With Carolus Linnaeus's classification system, Charles Darwin's evolution theories, and James Audubon's scientific drawings of birds, most animals began to be understood through the science of natural history (Lopez, 223). Wolves did not get their own descriptions of scientific reality until the 1940's, and even these were a mix of truth and folklore (Lopez, 224).

Literature pursuits slowly followed the trend towards a more accurate portrayal of wolves. Jack London's *Call of the Wild* and *White Fang* signified a great shift in the Western attitude towards wolves. The wolfpack which was left undescribed by the pseudoscientific bestiaries has a place in Rudyard Kipling's *The Jungle Book*, written in 1894. It features the boy Mowgli who was adopted by wolves, described favorably as "The Free People" (Busch, 90). This story bears some resemblance to the myth of Romulus and Remus who were raised by a nurturing she-wolf. These stories offer a more benevolent representation of wolves that is also more accurate than most of the traditional literature. The body of native American literature and oral tradi-

tion often represent the wolf with a greater understanding. The traits that were admired by a hunter society like the Cheyenne Indians built great respect for wolves while those same traits caused Europeans who practiced animal husbandry or who lived in cities to hate wolves (Lopez, 233).

In general, it has only been in the past two decades that humans have become more accepting of predators and their rightful place in ecological systems, according to Robert Busch (85). *Dances with Wolves* is an example of a new attitude towards wolves that emerged in recent American cinematic culture. The hero leaves his American pioneer's society for an Indian tribe and many of his positive connection to wolves borrows from the native American tradition. The hero's close relationship with the wolf, *Two Socks*, demonstrates an enlightened attitude towards the animals and towards wilderness. The 1992 film illustrates a great change in popular notions of wolves. Peter Coates claims that the wolf's value lies in its symbolism of wilderness and that its shift in the "Euro-American Mind from the most hated and feared of all wild beasts into a valuable and upright member of the natural community is one of the most radical shifts in status undergone by any animal" (241).

While there have been truths in some of the characterizations of the wolf, many of the natural behaviors of wolves are left unexplained and underrepresented in the literature and thus in the human mind. The folklore and litera-

ture of the West has confused the line between the rapacious wolves in fable and fairy tale with the wolf in the forest of the natural world, until the big bad wolf and the wild wolf become one creature in the mind of the reader. Consequently, the plight of wolves becomes unimportant in an atmosphere of fear and prejudice. In a 1930 U.S. Senate debate on a ten million dollar wolf extermination program - which was signed into law in 1931, one senator describes the way wolves caught their prey as "the most barbarous thing imaginable" and the program was "one form of retribution" (Lopez, 148-9). Such negative images weigh heavily on the survival of the wolf.

Wolves have been much maligned by the symbolism surrounding them in Western literature. Naturalist and author Robert Busch says, "probably no other animal in history has suffered the amount of misplaced animosity as has the wolf" (85). This is the view that conservation groups are now left to fight. In the literature of the organization Defenders of Wildlife, which works towards wolf preservation, the authors include such statements as, "These are not killers of children" and that wolves are "animals struggling to retain a place in this world". The group recognizes that "probably no other animal has been so badly treated and misunderstood as the proud and majestic wolf. Environmental awareness has begun a recent trend towards understanding the wolf as a positive representative of the wil-

derness, and modern views of wolves are more enlightened and more in step with the native American representations. Nevertheless, the ancient images of the beast from Western literature have not been erased.

# BIBLIOGRAPHY

Brownlee, Marina Scordilis. "Wolves and Sheep: Symmetrical Undennining in Day III of the Decameron." *Romance Notes* 24:3 Spring (1984): 262-266.

Busch, Robert H. *The Wolf Almanac*. New York: Lyons Press, 1995.

Coates, Peter. "Chances with Wolves: Renaturing Western History." *Journal of American Studies* 28:2 (1994): 241-254.

Dodsley, Robert, ed. *Selected Fables of Esop and other Fabulists*. (Reprint of the 1781 ed. printed for J. Dodsley, London.) New York: AMS Press, 1976.

Evans, E.P. "Bugs and Beasts before the Law." *Atlantic Monthly* 54 August (1884): 235-246.

Friedmann, Herbert. *A Bestiary for Saint Jerome: Animal Symbolism in European Religious Art*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1980.

George, Wilma, and Brunson Yapp. *The Naming of the Beasts: Natural history in the medieval bestiary*. London: Duckworth & Co, 1991.

Kennerly, Karen, ed. *Hesitant Wolf and Scrupulous Fox: Fables Selected from World Literature*. New York: Random House, 1973.

- Klingender, Francis. *Animals in Art and Thought to the End of the Middle Ages*. Cambridge: M.L.T. Press, 1971.
- Lopez, Barry H. *Of Wolves and Men*. New York: Simon & Schuster, 1978.
- McColloch, Florence. *Mediaeval Latin and French Bestiaries*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1960.
- Nash, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1967.
- Noel, Thomas. *Theories of the Fable in the Eighteenth Century*. New York: Columbia University Press, 1975.
- Opie, Iona & Peter. *The Classic Fairy Tales*. New York: Oxford University Press, 1974.
- Richardson, Samuel, ed. *Aesop's Fables, 1740*. (Reprint of the 1740? ed. published by J. F. and C. Rivington, London.) New York: Garland Publishing, 1975.
- Rodman, John. "The Dolphin Papers." *The North American Review* Spring 1974: 13- 26.
- Rowland, Beryl. *Animals with Human Faces: A guide to Animal Symbolism*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1973.
- White, T. H. *The Book of the Beasts: Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century*. London: W. S. Cowell Ltd, 1969.
- Ziolkowski, Jan M. *Talking Animals: Medieval Latin Beast Poetry, 750-1150*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.
-

## **University of Tennessee, Knoxville**

Trace: Tennessee Research and Creative Exchange

University of Tennessee Honors Thesis Projects University  
of Tennessee Honors Program

[http://trace.tennessee.edu/utk\\_chanhonoproj](http://trace.tennessee.edu/utk_chanhonoproj)

English Language and Literature Commons

Esta dissertação/tese chegou até você por meio do programa da University of Tennessee Honors Program at Trace, gratuita e livre: Tennessee Research and Creative Exchange. Para mais informações: [trace@utk.edu](mailto:trace@utk.edu).

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para [contato@mojo.org.br](mailto:contato@mojo.org.br) com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!

# EXPEDIENTE

---

## INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

**Presidente:** Ricardo Giassetti

**Tesoureiro:** Alexandre Storari

**Diretores:** Gabriel Naldi, Larissa Meneghini, Tatiana Bornato

**Conselho consultivo:** Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira, Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade, Marcelo Gusmão Eid, Rodrigo Faria e Silva, Renato Roschel, S. Lobo, William Hertz.

[contato@mojo.org.br](mailto:contato@mojo.org.br)

Tradução e edição © 2019 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

---

**Lobos na cultura ocidental**, de Lisa Jesse

Publicado originalmente em 2000, © Lisa Jesse.

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

---

**Edição:** Ricardo Giassetti e Gabriel Naldi

**Tradução:** Nathália Campos, Rayssa Féu, Jynnie Melo,  
Francine Barreto e Camila Villalba

**Revisão:** Renato Roschel

**Editoração EPUB:** Fernando Ribeiro

Atualize-se sobre novas edições deste e de outros ebooks  
ou faça o download para outros sistemas de ereading em:  
<https://dominioaopublico.org.br/ebooks/lobos-na-cultura-ocidental/>



**O Instituto Mojo de Comunicação Intercultural** é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Para publicar os livros digitais gratuitamente em português, contamos com doações, prestação de serviços editoriais e de tradução, projetos corporativos e institucionais, leis de incentivo e parcerias com o setor público e privado.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição. Associe-se, divulgue, leia, conte as histórias.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: [www.dominioaopub.org.br/permissoes](http://www.dominioaopub.org.br/permissoes)

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para [contato@mojo.org.br](mailto:contato@mojo.org.br) com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!